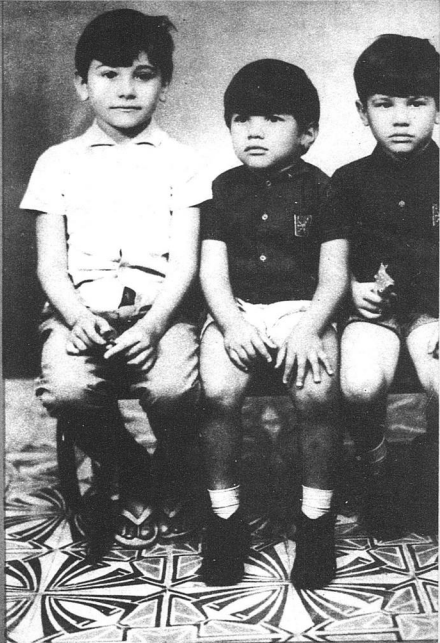


Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais
Departamento de Educação



Revista do Ensino

Ano XXXV

Setembro-1966

N.º 225

REVISTA DO ENSINO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

SECRETARIO DA EDUCAÇÃO: *Dr. Gerson de Mello Bozon*

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO: *Prof. Duntalmo
Prazeres*

DIRETOR-REDATOR: *Elisabeth Vorcaro Horta*

NOSSA CAPA:

Crianças de Belo Horizonte.

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



INTRODUÇÃO

O nº 224 da Revista do Ensino reúne trabalhos que vão interessar ao professorado do curso primário, aos do curso secundário e aos do curso superior e ainda outros que podem interessar a qualquer leitor atento aos temas culturais.

A Revista do Ensino em cada número publicado amplia sua área de penetração e reafirma o lugar que lhe cabe de coadjuvante no processo cultural pedagógico de Minas Gerais e do Brasil. Já não bastam os exemplares de cada edição e em poucas semanas se esgota, cada uma.

Ainda não conseguimos oferecer ao leitor os números que desejaríamos: — seis números em cada ano e as causas dessa ausência são obstáculos contra os quais vimos lutando sem esmorecimento. A necessidade da Revista é imperiosa — haja visto a sua aceitação e procura e os benefícios apontados pelos leitores em numerosas cartas. O nosso professorado é ávido de crescimento intelectual indício este, que irá certamente melhorar as estatísticas brasileiras, tão pobres no setor educacional.

Em grandes áreas brasileiras o puro idealismo do nosso professorado vem suprimindo de qualquer modo as deficiências econômicas. Entretanto não podemos esquecer que apenas 70% de nossas crianças em idade escolar frequentam a escola primária — e que ainda assim a repetência, — as dificuldades materiais, as distâncias e as doenças e outros problemas sócio-econômicos só permitem que 31,6% o terminem. Os problemas continuam no ginásio e quando o pequeno número que o ultrapassa atinge o colégio verifica-se que constituem apenas 4%. A universidade

só vai receber 2% da população em idade estudantil. Estes dados são referentes a 1962 e apontados por Anísio Teixeira não são ainda confirmados em publicações de dezembro de 1965 e apresentados pela UNESCO através do chefe do Departamento Regional da Educação para a América Latina J. Blat Jimeno.

Quanto ao professorado as estatísticas consideram que deles (para toda a América Latina), apenas 40% tem curso adequado à suas funções. A ausência de cultura e de conseqüente visão exata dos problemas é obstáculo de grande significação e o primeiro a ser vencido para ser possível ativar todo o processo subseqüente. Sem esta vitória nada é possível.

A REVISTA DO ENSINO procura colaborar no sentido de levar cultura e ampliar horizontes.

Elisabeth Vorcaro Horta



Professor Gerson de Brito M. Boson
DD. Secretário de Estado da Educação

**O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO PROFESSOR
GERSON DE BRITO M. BOSON**

A REVISTA DO ENSINO tem o prazer de apresentar aqui, aos seus leitores, os dados biográficos do atual Secretário de Estado da Educação, homem de méritos culturais e cidadão eminente que o Sr Governador convocou para aquela pasta.

Natural do Município de Piracuruca, no Estado do Piauí, nasceu aos 27 de novembro de 1914, filho de Eugênio Boson Dias e de D. Carlota Melo de Brito Boson.

Fêz as primeiras letras na Escola Pública Municipal de Teresina, no Piauí, matriculando-se, depois, no Colégio Estadual (Liceu Piauiense), onde concluiu o curso fundamental, em 1937. Em seguida, cursou a secção-Pré-Jurídica do Colégio Universitário de Minas Gerais, aqui concluiu o curso de bacharelado aos 15 de dezembro de 1944.

Lecionou Francês, História da Civilização e Filosofia, no Colégio Padre Machado, de Belo Horizonte, e, em 1947, fixava-se novamente, em seu Estado natal. Aos 19 de março de 1947 assumiu a regência da cadeira de Sociologia Educacional da Escola Normal «Antônio Freire», de Teresina, mantendo-se no magistério oficial piauiense até 10 de março de 1949, com ligeira passagem pelas cadeiras de História, Filosofia da Educação e Francês.

Em 1951, retornou a Belo Horizonte, tendo particionado do corpo docente do Colégio Municipal, desde 29 de fevereiro, como Assistente de Francês e História da Civilização.

Desde 1952 assumiu as funções de Inspetor Federal de Ensino, do Quadro Permanente do Ministério da Educação, lotado no Colégio Anchieta, desta Capital, tendo optado pelo exercício das funções de magistério, em 1952. Lecionou Filosofia de Direito, na Faculdade de Filosofia da UMG e, como contratado e substituto, a cátedra de Lógica, da Faculdade de Filosofia do Direito da Faculdade Mineira de Direito da Universidade Católica, tendo regido ali, também, a cadeira de Direito Político Internacional Público. Atualmente, dirige o curso de Direito Político Internacional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais.

Gerson Boson integrou várias bancas examinadoras de Concursos, para a docência livre e para a cátedra, nesta facul-

dade (Introdução à Ciência do Direito, Direito Internacional Privado e Direito Judiciário Civil) e na Faculdade de Direito de Goiás (Introdução à Ciência Civil). Também participou de outras comissões examinadoras de concursos no Colégio Municipal de Belo Horizonte (Francês e Inglês) e de exames vestibulares (Francês e Inglês), nesta Faculdade e na Faculdade Mineira de Direito. Integrou, igualmente, algumas comissões julgadoras de teses de doutoramento, neste Instituto.

Entre os trabalhos que publicou destacam-se «Sociedade e Direito», «Da Objetividade e Hierarquia dos Valores», «Monismo Jurídico e Soberania», «As Transformações do Estado», «Fontes do Direito Internacional Público», «A soberania do Estado Membro», «Os Limites Jurídicos do Estado na Carta da ONU», «Dos Valores Estéticos» e «O Homem Como Sujeito de Direito Internacional», sendo este último trabalho a tese com que concorreu à cátedra, nesta Faculdade. Além disso, pronunciou várias conferências: sobre «Filosofia dos Valores» em 1955, em Belo Horizonte; sobre «O Canal de Suez», em 1954, nesta Escola; sobre «As Fontes do Direito», em 1957, na Faculdade de Direito de Florianópolis; e sobre «As competências exclusivas do Estado», em 1955.

Na Faculdade de Direito da U.M.G. submeteu-se a concurso para cátedra de Direito Internacional Público, a fim de preencher a vaga há muito aberta com o falecimento de Afrânio de Melo Franco. Habilitado, em primeiro lugar, em 5 de setembro de 1952, foi nomeado Catedrático por Decreto de 27 de novembro do mesmo ano, tendo assumido o exercício com a posse, que ocorreu em 1.º de dezembro, ainda de 1952. Mantém-se na cadeira que é titular, acumulando-a com a Cátedra de Filosofia do Direito, da segunda seção do Curso de Doutorado, na qual foi provido, regimentalmente, em 20 de fevereiro de 1954.

Exerce, atualmente, o cargo de Vice-Reitor da Universidade. Advogado Geral do Estado, com exercício na Reitoria.

Convocado pelo Governador Israel Pinheiro assumiu a Secretaria de Estado da Educação.

Disciplina e Educação Escolar e Popular

PROF. MARQUES DE OLIVEIRA FILHO

Após mais de três décadas de magistério secundário causa-me cada dia mais estardalhaço o fato de até hoje não terem os poderes públicos, particularmente os que têm a seu cargo a educação e instrução das nossas crianças e dos nossos jovens, compreendido ainda a magnitude e a urgência da tarefa de adequada e sólidamente estruturar os organismos menores cuja soma será o organismo maior, ou seja, a nação futura. Parece não terem os homens que detêm esses poderes presente no cérebro a já velha distinção sociológica entre "estado" e "nação". O primeiro, um organismo jurídico, às mais das vezes subsistente apenas através da imposição de leis, nem sempre fundadas, justas e bem aceitas; a segunda, a "nação", o resultado da evolução progressiva, longa, que se encaminha para a unidade pátria. É perfeitamente compreensível que o homem inteligente e de boa formação prefira viver não num "estado" mas numa "nação", procurando com empenho integrar-se nela como peça útil, eficiente, ativa, certo de que receberá, de volta, multiplicados, os frutos da sua colaboração espontânea.

Torna-se preciso esclarecer que se um "estado" pôde e pode ainda hoje estabelecer-se artificial e até inesperadamente, do que há vários exemplos, quase sempre como resultantes de violência de povo sobre povo (os recentes *anschlüsse* de Hitler) ou como arranjos de famílias reais (Espanha-Portugal de 1580/640 etc.), muito diversamente, uma "nação" se forma lentamente, tendo algumas necessi-

tado de muitos séculos para se constituírem. Ora, a história nos informa de que somente se tem garantia de permanente solidez e unidade indestrutível quando se vive não num "estado" mas numa "nação". Dêsse modo cabe então indagar: não haverá meios de *apressar* a transformação, quando houver condições, de um "estado" numa "nação"? Não há dúvida de que eles existem.

No caso particular do Brasil, essa formação "nacional" e não apenas "estatal" tem para nós, obviamente, uma importância capital. Como não se ignora, ao tempo do descobrimento e posse das terras que constituem o nosso País, aqui existiam muitos milhões de indígenas e para cá foram arrastados vários milhões (quantos?) de negros africanos. Os brancos, na sua quase totalidade portugueses, formaram uma cúpula dominadora sobre esses índios e negros. Mais tarde, principalmente a partir da terceira década do século XIX, têm começo as importantes correntes migratórias européias: espanhóis, alemães, italianos, polacos etc., às quais muito recentemente veio juntar-se uma corrente japonesa. Ora, todas essas gentes apresentam características "nacionais" que raramente coincidem; às vezes são bem diversas, senão marcadamente opostas.

Transformou-se, assim, o Brasil num imenso caldeirão ou numa espécie de arraial de gentes nacionalmente algo dissimelhantes, as quais se equilibram, se combinam sob a ação de leis "estatais" já que ainda não se podem equilibrar e combinar à sombra pacífica e coalescente das leis "nacionais".

Quantos séculos ainda serão precisos para passarmos de "estado" a "nação" solidamente formada? Não sabemos. Saliente-se, ainda, que para retardar a nossa cristalização "nacional" muito concorre também a geografia física brasileira, de tendência visivelmente diferenciadora. Um trabalho pioneiro, já velho, de Silvio Romero assinalou (mas com vários enganos) que essa geografia física nos está dividindo em nada menos que treze centros sócio-econômicos diversos, o que atenta, em boa parte, contra a formação de

uma unidade "nacional". Em face disso não compreendemos, pois, como até hoje os nossos sociólogos, estadistas e, em especial, os nossos altos dirigentes educacionais não tenham pensado no magno problema de equacionar, supereintender, orientar quanta atividade familiar, social, educacional, artística, econômica etc., fôr capaz de concorrer para apressar a nossa formação "nacional".

Como velho professor, variegada a observar, durante três décadas, a composição habituada de nossas turmas escolares, constituídas, particularmente nos grandes centros brasileiros, de alunos de procedências inúmeras, de filiações nacionais diversas, de idade (nas turmas) as mais diferentes, de níveis sociais os mais distintos, de tendências vocacionais não perscrutadas — não atinamos como até hoje ainda não se pensou num departamento especializado, com planos de ação que encaminhe as crianças, os jovens e adultos brasileiros, nos estabelecimentos de ensino e até mesmo fora deles, rumo à unidade de sentimentos, de pensamentos, de ações, de aspirações coletivas que os converterá em unidades sólidas, perfeitas, de atuação harmônica, do organismo máximo que será a futura "nação brasileira".

Salta aos olhos que, entre outros, dois são os meios que de pronto se oferecerem para que possamos abreviar o demasiado lento trabalho de formação "nacional". São eles a *disciplina* e a *educação*. A necessidade de uma e de outra, a dosagem maior ou menor a ser empregada dependem das condições pessoais e sociais dos que as vão receber. Ora, nós brasileiros somos substancialmente, em percentagem altíssima, um povo latino e os latinos, nos quais o cientista francês Gustavo Lebon só viu defeito, mazelas, degenerescência racial, têm, como alguns outros povos, grandes e altas virtudes também. Infelizmente, porém, do ponto-de-vista da harmonia, da solidariedade, da colaboração espontânea e, muito particularmente, da *politização* se distanciam sobremodo de povos como os anglo-saxões. Na velha França, a grande nação latina que até poucas décadas foi como cérebro e coração do mundo civilizado, nela

mesma, a despeito do seu altíssimo desenvolvimento geral, a sua constituição e o seu temperamento *latino* fazem-na uma nação dificilmente governável. Uma excelente e oportuna prova disso: antes do semiditador De Gaulle dezoito (18) partidos políticos dividiam os franceses. E o Brasil, também nação latina? Por enquanto estamos fracionados politicamente em doze (12) partidos. Ao invés disso, povos preponderantemente anglo-saxões como a Inglaterra e os Estados Unidos só possuem dois partidos: O Conservador (no poder) e o Trabalhista, na Inglaterra; o Democrata (no poder) e o Republicano, nos Estados Unidos. Importa, todavia, deixar bem claro que nenhuma diferença de natureza econômica, social, administrativa opõe entre si o Democrata e o Republicano, os quais até poderiam fundir-se numa única agremiação política. Mas os Estados Unidos, basicamente anglo-saxões, após a sua independência abriram as suas portas a emigrantes de quase todos os pontos da terra. Tornaram-se, dêse modo, uma babilônia racial, fizeram-se um caldeirão ainda mais efervescente, um arraial mais agitado de gentes várias que o do nosso País. Conseqüências, a disciplina escolar, a educação popular erigiram-se de problemas mais complexos e mais agudos que os existentes entre nós. Um muito recente filme norte-americano, exibido em muitos cinemas dêste Estado, mostrou a que proporção lá chegou a indisciplina escolar, a tal ponto que o magistério primário e o secundário se converteram na mais ingrata das profissões. Sabe-se que a psicanálise de Freud, que recomenda uma quase ausência de disciplina escolar (e doméstica), muito preocupada, em boa parte com razão, em não permitir que se criem *complexos* estudantis, responde pelo desinteresse em se estabelecer uma adequada e eficiente disciplina escolar. Já tivemos, contudo, a satisfação de ler um trabalho de educador norte-americano no qual se reconheceu urgente e imperiosa necessidade de se reduzir a demasiada subordinação a exageros freudianos, uma vez que a preocupação excessiva em se evitarem *complexos* estudantis pode criar, de outro lado, prejuízos maiores ao estudante, em particular, e ao ensino, em geral.

No caso especial do Brasil, onde o ensino particular em quase todos os estados alcança elevada percentagem (cêrca de 85% em Minas Gerais) em relação ao ensino público, onde as escolas são comumente muito mal aparelhadas e os gabinetes de ciência (às vêzes simulados ou praticamente inúteis) escassamente utilizados, a pouca *disciplina* ou mesmo a *indisciplina* são dos fatores que mais concorrem para o precário rendimento do ensino ministrado. Assim, todos os anos, por ocasião dos exames de admissão, o ensino secundário reclama contra a ineficiência do ensino primário, enquanto, por sua vez, o superior esbraveja contra a do secundário. E o que consegue realizar êsse ensino superior? Conhecemo-lo apenas em parte mas cremos não nos enganar se admitirmos que as suas deficiências, falhas etc., são relativamente maiores, mais gerais que as do ensino primário e do secundário. Como nestes dois, no superior a pouca disciplina ou até mesmo a indisciplina também atua como agente contrário ao maior rendimento e eficiência do ensino. A indisciplina começa na escola primária, cresce na secundária e toma vulto em escolas superiores. Se se trata de faculdades de medicina, de engenharia, direito, por exemplo, ela se manifesta nos atritos, nos choques entre discentes e discentes, entre docentes e docentes e, o que é mais grave, entre discentes e docentes. Se se trata, porém, de escolas militares, tal como se observa nas repúblicas ibero-americanas, é a indisciplina que já vem da escola primária, com raízes, às vêzes, nos lares, o gérmen fermentador dos golpes militares que tanto enxovalham as civilizações do nosso continente. Neste particular, o nosso País, também de constituição e temperamento latino, arredo à politização, apresenta a sua já muito longa lista de golpes militares (1889, 1893, 1907, 1911, 1915, 1922, 1924, 1930, 1932, 1935, 1937, 1945, 1954, 1955, 1961) enquanto outros continuam a ser anunciados ou suspeitados.

Esperamos que o que foi expedido baste para deixar patente ser realmente imperiosa e urgente a criação, no Ministério de Educação e Cultura, de um departamento espe-

cial, a cargo de pessoal rigorosamente selecionado no tocante à formação moral, à decência social, ao devotamento aos interesses pátrios, destinado a planejar, orientar, cuidar da educação das massas para o que deverá recorrer a muitos meios, em particular, à televisão, ao rádio, à imprensa. Esse departamento estabelecerá normas disciplinares persuasivas, hábeis, eficientes que deverão ser observadas por discentes e docentes nos estabelecimentos de ensino, e, numa visão e numa ambição mais largas, procurará descobrir que caminhos, que recursos poderão ser usados para acelerar a nossa transição de "estado jurídico" para "nação cristalizada", a fim de que, ao invés de divididos ou até mesmo de frontados, passemos a viver à sombra dos mesmos sentimentos, pensamentos, ações e anseios.

O Ideal Pan-Americano

VIVALDI MOREIRA

(Conferência pronunciada no Instituto de Educação, no dia 14 de abril).

Meu intento é oferecer-lhes uma visão, tanto quanto possível, lúcida, de um problema que apaixona todo cidadão consciente, porque é um problema que nos diz respeito muito de perto, bole com os nossos interesses imediatos. Uma visão deformada ou apaixonada quase sempre acarreta novos males. Não sei falar senão objetivamente sobre os assuntos, e ainda que entusiasticamente, acerca daqueles que julgo merecedores desse nobre sentimento dos seres humanos.

Acêrca do pan-americanismo como doutrina política de uma vasta e rica região do globo, da qual fazemos parte, não faz mal um pouco de História. É mesmo necessário, para compreensão da doutrina, irmos diretos às suas raízes históricas. Como sempre, vamos buscar as origens do fenômeno fora do ambiente em que ele se desenrola. Como? Na Europa. Foi celebrado um acôrdo entre os reis da Rússia, Áustria e Prússia, em 1815, logo após a queda de Napoleão, com receio evidente de que frutificasse a revolução a que o grande corso servira em parte e, em parte, deservira. Não há coisa que rei mais tema do que revolução. Rei ou quem quer que esteja bem instalado no poder. Aquêles reis da Europa temiam agora a revolução americana. Eles visavam a impedir qualquer movimento semelhante no Velho Mundo. Essa reunião de reis, denominada a Santa Aliança, foi interpretada nos Estados Unidos como um "Dispositivo" (como hoje se diz), para impedir o do-

mínio do povo em qualquer parte do mundo. Era o sistema *autocrático* contra o sistema *democrático*. Os americanos haviam brilhantemente conquistado sua independência. A Inglaterra, antiga metrópole, não só já respeitava a jovem nação, mas também seus interesses comerciais estavam em choque com os da Santa Aliança. Os grandes americanos, fundadores da nação, enchiam o mundo de espanto não só pelo seu preparo intelectual, mas pelo patriotismo. John Quincy Adams, que foi o sexto presidente, ainda quando embaixador na Inglaterra, conversava com o rei de igual para igual.

Aquêlê temor dos americanos não era infundado, pois, em 1822 os "bigs" da Santa Aliança se reuniram para examinar as dificuldades por que passava a Espanha no Nôvo Mundo. A hoje chamada América Latina pegava fogo. Bolívar era um demônio, andarilho pelo Continente, a levar sua palavra de apóstolo e guerreiro: — "Sem liberdade não há pátria." O czar da Rússia cobijava a costa ocidental da América do Norte, logo abaixo do Alaska, que era possessão sua. E estava disposto a enviar tropas ao Rei Fernando VII, da Espanha, para assegurar-lhe o domínio das terras da América. Tôdas as nações da Europa, na época, viram com maus olhos a independência das colônias espanholas, exceto a Inglaterra. Comparada com as potências da época, a nação americana era pequena e fraca. Sua independência não alcançara o terceiro decênio, e a Inglaterra mantinha grandes domínios ao norte. Se o domínio espanhol, com auxílio dos reis europeus, se restaurasse, uma poderosa força se constituiria no sul e oeste da nova nação. A salvação dela foi o tino comercial inglês. Feitorias comerciais se estabeleceram logo em vários pontos do Nôvo Continente e a poderosa esquadra de Sua Majestade veio defender os interesses britânicos, aliviando a tarefa americana.

A Santa Aliança meteu a viola no saco e tratou de resolver somente os problemas da Europa, a fim de que não surgisse um nôvo Napoleão, para não destronar os reis

de sangue-azul e formar novas dinastias com gente de casa, do sangue dos Bonaparte e dos Ramolino.

Tais acontecimentos motivaram então o nascimento da chamada "Doutrina de Monroe". James Monroe, o quinto presidente americano, em Mensagem ao Congresso, a 2 de dezembro de 1823, fez uma declaração que se tornou famosa em todo o mundo. E por que não celebramos a data do Pan-Americanismo a 2 de dezembro, e sim a 14 de abril? Veremos daqui a pouco a razão. Monroe chamou a atenção para os pontos que ameaçariam os E.U.A. se os reis da Europa insistissem na tentativa de restaurar o domínio espanhol na América do Sul. Não tencionava interferir, por qualquer forma, nas colônias que se conservassem fiéis às potências européas, mas havia tomado um passo decisivo quanto às colônias que se haviam declarado independentes. Qualquer atitude quanto a estas seria considerada inamistosa. Isto, sim, é uma atitude de estadista, bem rara nos homens do govêrno. E nas suas próprias palavras, advertiu o Presidente Monroe: — "Os países do continente americano, pela situação livre e independente que assumiram e mantêm, estão doravante decididos a não ser considerados objeto de futura colonização por quaisquer potências européas." Eis aí o núcleo da famosa doutrina de Monroe, matriz do Pan-Americanismo.

Proseguindo na explanação de suas palavras, declarou Monroe que nenhuma potência européia poderia, sem resistência, adquirir novos territórios no Continente Americano. Deixou bem claro que nenhuma nação do Velho Mundo poderia intervir nos países independentes do Nôvo Continente, sem enfrentar os E.U.A. Ninguém duvidou da eficácia dessas palavras e o próprio Czar, decênios volvidos, negociou o Alasca com a jovem República Americana, que foi adquirindo, aos poucos, as terras das potências estrangeiras, que são hoje os Estados da União Americana. O desejo consubstanciado nessa Mensagem do Presidente Monroe é o fruto do pensamento de alguns homens da Repú-

blica do Norte, tais como John Quincy Adams, que era o Secretário de Estado na época e sucessor, depois, de Monroe, na Presidência; de Henry Clay, adversário permanente de Adams, e a aspiração de Bolívar, que no seu exílio na Ilha Jamaica, em 1813, já havia formulado idéias semelhantes. Vejam só o destino das idéias patrióticas. A chamada "Doutrina de Monroe" não era senão uma declaração peemptória, ligada a acontecimentos contemporâneos à sua formulação e respondia aos interesses da época. Só mais tarde êsse documento começou a ser invocado como diretriz e se transformou em estatuto da política externa do país. A "doutrina de Monroe" foi um dos aspectos do nacionalismo que uma constelação de Estados forjou para manter sua unidade. Não foi sem muita insistência junto ao presidente que seu Secretário de Estado fê-lo pronunciar-se contra a situação. Adams, no seu diário íntimo, confessa que não queria as palavras de Monroe na Mensagem, mas através de uma nota forte do gabinete à Rússia. "Falei-lhe de novo, instando para que não exarasse em sua Mensagem nada que pudesse dar à Santa Aliança um pretexto para considerarse atacada." E vejamos como um estadista autêntico vive ininterruptamente os problemas de seu país. Vou citar diretamente o "diário" de Adams, porque gosto muito de tais documentos: — "Se a Santa Aliança estava resolvida a tomar alguma determinação contra nós, a nossa política era evitá-la, não provocá-la... A linha que eu quero seguir é a da séria advertência contra qualquer intervenção armada das potências européias na América do Sul, mas renunciando pela nossa parte a interferir na Europa, criar uma causa americana e aderir inflexivelmente a ela". Estavam, pois, como queria Adams, lançadas as bases do Pan-Americanismo: a América para os americanos, não os do norte... como houve sempre maledicentes para assoalhar, mas para todos os americanos. E só daí a 25 anos, com o 11.º Presidente, James Polk, foram invocadas as palavras, com o nome de doutrina de Monroe. Foi cumprida a vontade de Adams de fazer ouvir-se no mundo a voz de um país jovem que desejava marchar de frente erguida.

Como toda doutrina, como todo movimento possui êsses seus lados positivos e negativos, que não iremos examinar nesta breve comemoração. Em certa época, quando surgiu, foi indubitavelmente, de resultados positivos para a América Latina. Sem sua formulação, talvez, a Santa Aliança ousasse esticar até aqui seus tentáculos, e não teríamos obtido tão cedo a nossa independência. Também o Brasil. A verdade é que a doutrina estimulou a união americana. Os conceitos de Monroe se difundiram, pois ofereciam segurança política e base legal a um movimento que era do mais sagrado interesse das jovens repúblicas. E entre 1826 a 1864 realizaram-se cinco Congressos. Embora os tratados de união e confederação assinados durante essas assembléias fôssem logo esquecidos — como aliás quase todos os tratados, quando um interesse mais forte grita... — e não ratificados pelos Estados signatários, a verdade é que dêsses encontros algum proveito sempre ficou. Os princípios, a estrutura, a regulamentação do sistema, que agora completa 76 anos de existência efetiva, já foram formulados por Simon Bolívar no primeiro Congresso do Panamá, de 1926. Aquilo que Monroe proferira e que já era o anseio de Thomas Jefferson, Henry Clay, Adams e tantos outros, fôra a formulação prática de "uma liga pela liberdade humana na América" que "uniria todas as nações, da Baía de Hudson ao Cabo Horn". Era evidente o idealismo que impulsionou o promotor dêsse primeiro encontro no Panamá: Simon Bolívar. As nações que êle ajudava a libertar-se eram fracas, indefesas e temiam ser novamente juguladas à metrópole, e, ainda de acréscimo, surgiam as discussões internas e as incertezas sobre fronteiras. Vislumbrou o gênio de Bolívar a criação dêsse sistema regional fechado, onde os americanos resolvessem seus casos particulares, sem intrusão das potências. A solidariedade deveria ser total quando a ameaça de agressão partisse de fora. Ali, no Panamá, em 1826, foram lançados os alicerces do Sistema Interamericano. O chamado Tratado de União, Liga e Confederação Perpétua, com toda a ênfase, serviu de molde à atual Organização dos Estados Americanos, a OEA, e Bolívar foi o precursor

da Liga das Nações, sucedida depois pela Organização das Nações Unidas — ONU. Do sistema regional, partiu a idéia para a segurança coletiva, principal conceito no campo das relações internacionais adotado no Panamá, ponto capital de Bolívar para a defesa comum da América.

As dissensões internas nas repúblicas sul-americanas, a desintegração das monarquias da Europa, logo após o insucesso da Santa Aliança, a grande prosperidade que os Estados Unidos começavam a experimentar, logo após a “Guerra de Secessão”, fizeram adormecer por quase 40 anos a idéia generosa do pan-americanismo. A ideologia, digamos assim, não estava morta, mas adormecida, uma vez que um de seus objetivos fôra realizado: impedir a intromissão da Europa nos negócios da América.

Esse é, porém, o lado, quase diríamos, negativo. Há o lado positivo, que o problema da paz e do bem-estar humanos que devia emergir do conceito pan-americano. Os legisladores norte-americanos, em constantes propostas no Congresso, ativavam, porém, a idéia da convocação de uma reunião dos países americanos, no interesse da “paz, comércio e prosperidade mútua”. O que faltava era a institucionalização da idéia e esta veio em 1890 pelos esforços do Secretário de Estado James Blaine. Foi memorável esta reunião e contou com a presença de todos os países da América e o Brasil, ainda monárquico, ali compareceu, de 2 de outubro de 1889 até 19 de abril de 1890, pois as sessões se prolongavam por mais de seis meses, percorrendo os delegados quase todo o país, em trens especiais, gastando mais tempo em excursões turísticas do que em trabalhos nas sessões. O fato capital daquele conclave deu-se a 14 de abril, considerado o “Dia Pan-Americano”, consubstanciado na proposta de fundação de Escritório Comercial das Repúblicas Americanas. Aconteceu, assim, o que se esperava: a organização de um núcleo em redor do qual se constituiria, materializar-se-ia o ideal pan-americano.

Claro que houve grandes dificuldades, incompreensões e choques, entre a mentalidade latina e a anglo-saxônica.

E foi para se discutirem e clarearem tais dificuldades que se reuniu o primeiro Congresso. Já havia daí por diante uma base física, em terreno neutro onde se poderia conversar. A imprensa americana, na sua maioria, apoiou entusiasticamente a idéia e a convivência prolongada de homens eminentes de 18 repúblicas contagiou a opinião pública continental. Pela primeira vez, foi proposto o Plano de Arbitramento, isto é, a adoção de um trabalho uniforme para a resolução pacífica, sem recurso às armas, entre as nações do Continente. Esse Escritório Comercial foi transformado em 1910, vinte anos após, em União Pan-Americana, inaugurado o edifício que ainda se presta em Washington, até hoje, para a Secretaria da OEA. Seria longo e fastidioso enumerar aqui as sucessivas conquistas do ideal Pan-Americano. A verdade é que, depois de fundada a “Casa da América”, que é o edifício doado por Carnegie às repúblicas do Continente, o ambiente se modificou. Há questões, lutas armadas, desentendimentos entre os países irmãos. Ainda assim, podemos dizer que houve vitória da idéia pan-americana. Se não houvessem plantado o movimento em 1826, reavivado sua chama em 1890, a coisa seria pior. O saldo é positivo. Em 1906, sendo Chanceler da República do Brasil o Barão do Rio Branco, tivemos ensejo de hospedar a 3.ª Conferência Internacional Americana, pois a segunda se realizara no México em 1901. Abrindo os trabalhos o grande estadista, que foi o Barão do Rio Branco, saudando os congressistas, podia dizer com realismo e esperança: “Os nossos votos são por que desta Terceira Conferência resulte, confirmada e definida em atos e medidas práticas de interesse comum, a auspiciosa segurança de que não estão longe os tempos da verdadeira confraternidade internacional. Já é dela um penhor esse ânimo geral de procurar meios de conciliar interesses opostos ou aparentemente contrários, encaminhando-os em seguida para o mesmo serviço do ideal do progresso na paz.”

Os homens têm necessidade de crer. E é essa necessidade que tem impulsionado o Pan-Americanismo em seus lances e reveses. Os frutos dessa esperança estão aí à nossa

vista. O mais recente deles é a "Aliança para o Progresso", na qual o saudoso Presidente Kennedy encampa as idéias lançadas pelo Presidente Juscelino Kubitschek, num esforço generoso de conseguir uma vida melhor, sob a égide da democracia, através da melhoria social e desenvolvimento econômico. Assim foi que a 17 de agosto de 1961 votou a OEA a Carta de Punta del Este, representando a superação de todos os outros documentos nesse sentido.

Desejo ler alguns tópicos deste notável documento, espécie de Constituição Interamericana, que é hoje uma realidade ou, pelo menos, um desejo insopitável dos homens livres da América. (Lê alguns trechos da Carta de Punta del Este).

Se me perguntassem se creio em tudo isso, afirmo com absoluta tranqüilidade: creio, pois o homem já foi troglodita, já foi canibal e a história nos demonstra sua evolução. O que devemos acima de tudo é ter fé nos nossos ideais, pois só assim conseguiremos conquistas positivas.

(Palavras proferidas no Instituto de Educação em 14-4-1966).

Atributos Pessoais e Missão do Supervisor

Argentina Verçosa

ATRIBUTOS PESSOAIS DO SUPERVISOR

O Supervisor, tal qual o encaramos, é bem mais que inspetor ou orientador. Ele orienta, estimula, lidera, coordena, avalia. É amigo, conselheiro, colaborador, colega de trabalho.

Para o bom desempenho de sua importante tarefa, deve possuir e desenvolver alguns atributos pessoais, sem os quais não estará aparelhado para a importante missão que o espera. São eles:

Sinceridade

É esta importante qualidade para quem trabalha em constante interação com outras pessoas. As idéias sustentadas por alguém podem ser ou não populares, mas serão sempre respeitadas, se nascem de uma crença sincera e de honesta busca da verdade. Autêntica sinceridade e genuíno interesse pelas pessoas são qualidades apreciadas e logo pressentidas por quantos estejam ligados pelo trabalho cotidiano. O reconhecimento, por parte de seus companheiros de trabalho, de que o Supervisor é honesto, sincero em suas pretensões, de que busca realmente acertar, visando ao bem-estar do grupo, o interesse do trabalho, dará a todos confortadora sensação de segurança e criará o clima indispensável à melhoria, através da Supervisão.

Empatia

A definição simples da palavra diz que *empatia é a habilidade de uma pessoa colocar-se exatamente na situação da outra, a ponto de experimentar os mesmos sentimentos e avaliar como suas, as atitudes daquela*. Ninguém poderá jamais julgar o comportamento de pessoa alguma sem primeiro examiná-lo à luz das causas que o motivaram e dos sentimentos e emoções que a animavam naquelas circunstâncias. A habilidade de perceber de modo mais ou menos real os sentimentos dos que com ele trabalham é quase vital ao bom desempenho da tarefa do Supervisor. Os diretores e professores têm sempre atitude de acatamento e aceitação para com o Supervisor que demonstra sincera preocupação com seus problemas e compreensão das razões por que reagiram dêste ou daquele modo. Inversamente, os professores são levados a rejeitar as melhores sugestões ou mesmo orientações valiosas, se o Supervisor manifesta preocupação apenas com o aspeto técnico-pedagógico.

O Supervisor deve procurar por todos os meios demonstrar compreensão para com os vários problemas, simpatia com as pessoas, habilidade e humanidade ao solucionar, contornar e superar crises surgidas dentro da Escola. Firmando-se nesta posição, poderá desenvolver tranqüilamente seu plano de orientação, assistência, aperfeiçoamento de processos e técnicas de ensino. Tanto professores e diretores, quanto Supervisores lucrarão do hábito de não condenar ou censurar atitudes de outrem, antes de fazerem a si próprios esta pergunta: "Se eu estivesse nessa situação, dentro dessas mesmas circunstâncias, com as mesmas possibilidades, como reagiria?"

Largueza de Visão

Essa largueza de visão significa mais que inteligência ou capacidade intelectual. Reflete-se na preocupação de evoluir, na aceitação de novas idéias e conceitos, uma vez

que examinados e analisados, atendam, realmente, a objetivos que se tenha em vista.

Largueza de visão não significa, contudo, aceitação passiva sem exame, sem análise de idéias novas e banimento sistemático de conceitos antigos. Preferivelmente, manifesta-se na busca constante de inovações que tragam progresso. Essa busca não deve dirigir-se sempre a fontes altamente qualificadas. Muito se aprende na troca de idéias com colegas, ouvindo professores, fazendo com que nos falem de suas experiências.

O Supervisor deve cultivar a ciência de bem ouvir e a capacidade de avaliar idéias, aquilatar sugestões e utilizá-las na busca da melhoria.

Cultura

A ênfase dada às relações humanas, no setor da Supervisão, pode levar alguém a deduzir, errôneamente, que a capacidade de um Supervisor relaciona-se, apenas com seu grau de sociabilidade, de cordialidade, e que diminuiria a importância do nível cultural. Mas é justamente êsse nível que vem garantir-lhe a capacidade de tirar resultados positivos das várias experiências, de relacioná-los; de análise e pensamento crítico, capacidade estas que devem ser a marca do Supervisor atualizado. Um Supervisor nessas condições estará atento à importância de técnicas e métodos adequados para o bom desenvolvimento do trabalho do professor. O estudo constante e o exame de toda inovação surgida dentro do campo da educação são fatores indispensáveis ao êxito profissional.

Objetividade

O processo de Supervisão é largamente composto por atividades de julgamento e avaliação. É essencial, para o seu bom funcionamento, que o Supervisor saiba libertar-se de idéias preconcebidas. Deve ser capaz de analisar a situação ensino-aprendizagem em todos os seus elementos

componentes, ponderando e avaliando o significado, o valor, a utilidade de cada elemento dentro do quadro geral da situação. Deve saber equacionar os diversos problemas com espírito de humanidade, compreensão, ajuda, porém sem se deixar influenciar pelos envoltimentos emocionais que eles podem trazer e sem perder de vista os objetivos gerais de seu trabalho. O Supervisor deve ter visão bastante para enxergar a situação ensino-aprendizagem em toda a extensão e dentro do todo avaliar e perceber detalhes.

Criatividade

A noção de suas limitações e a procura de possibilidades de melhoria é importante ao Supervisor. Em educação, como em outras áreas de esforço humano, existe sempre além do que é conhecido, mais e mais a se conhecer ou descobrir. Os ilimitados horizontes da metodologia de ensino e recursos educacionais constituirão férteis áreas para frutífero esforço por parte de ambos, professor e Supervisor, se eles tiverem visão dos problemas educacionais e noção das possibilidades existentes no ambiente que os cerca. É possível, naturalmente, que alguém se acomode tanto às idéias e práticas costumeiras que novidades tornem-se elementos de perturbação. O Supervisor bem avisado deve guardar-se contra tal atitude, estimulando os professores a fazer experiências dentro de suas classes e experimentando ele próprio métodos e processos novos, pondo em prática idéias que lhe venham da observação diária dos trabalhos da escola. A nosso ver, cada Supervisor deveria escolher determinadas classes para campo de experiências, comparando, a seguir os resultados destas com as outras do estabelecimento. Agora, quando as atenções se voltam para a promoção contínua e combate a repetência, seria hora de os Supervisores darem sua contribuição, fazendo experiências e enviando resultados e sugestões ao serviço competente. O Supervisor não poderá jamais descreer da possibilidade de melhoria. Tal atitude poderá entorpecer o entusiasmo profissional dos professores com os quais está

em contato. Real criatividade é refletida no livre exercício da mente inquisitiva e no desenvolvimento de atitudes que encorajam a participação de todos na tentativa de melhoria e progresso. Além de ser importante garantir-se ao processo educativo meios de perpetuar válidos elementos já conhecidos, é igualmente importante propiciar condições para busca de novos elementos necessários a uma geração que vive num mundo caracterizado por mudanças e transformações conseqüentes da resposta do homem aos desafios do ambiente que o cerca. Talvez um dos maiores serviços que se deve a um líder educacional é impedir aos que com ele trabalham de se sentirem tão satisfeitos com o resultado obtido que percam o desejo de buscar melhores meios ou instrumentos de aperfeiçoamento.

Estímulo

É conceito geralmente aceito que um funcionário eficiente é um funcionário dedicado e vice-versa. É esta uma evidência da importância dos sentimentos experimentados para com a tarefa que executamos e do conhecimento que temos dessas tarefas. Eficientes resultados em qualquer área, principalmente no campo das Ciências Sociais, exigem que o professor enxergue claramente os objetivos de seus esforços. Conseqüentemente existirá a percepção da relação entre os propósitos e valor de idéias e conceitos que procura difundir ou formar. Tais sentimentos influenciarão o trabalho cotidiano do Supervisor não apenas em processos e técnicas de ensino. Sua área de influência irá além. Dará significado e importância a tarefas que de outro modo seriam apenas execução rotineira de atos ou ordens. O ideal seria que o Supervisor fôsse não apenas uma criatura que se sentisse estimulada pelo significado de sua tarefa, mas, sobretudo, fonte de estímulo para outros.

Senso de Proporção e Capacidade de Ponderação

A impulsividade cria problemas em várias áreas da atividade humana. Pontos-de-vista extremados são às vezes

sustentados por pessoas que têm limitada ou distorcida idéia da situação. A felicidade real de um indivíduo repousa muitas vezes no senso de proporção, em sua capacidade de avaliação adequada dos recursos de que dispõe e das exigências que a vida lhe faz. A importância da educação é muito grande para que seus processos possam reduzir-se a um tipo de liderança marcada mais pelo impulso que pelo raciocínio e julgamento.

O supervisor tem particular necessidade de saber analisar e avaliar processos de ensino e acontecimentos dentro de sua circunscrição, com isenção de ânimo e em termos da relativa importância dos vários fatores que os determinem. Deve ele guardar-se de exagerar o significado de determinados conflitos e de deixar-se envolver emocionalmente pela situação. É igualmente importante que saiba avaliar a obra educacional em termos de futuro. Isso é, estabelecer a relação entre o que se faz hoje e os largos objetivos da educação. Saber ceder a fim de alcançar um objetivo mais alto.

Respeitos Pelas Pessoas

Os aspetos físicos merecem atenção, cuidado, porém, mais importantes que esses são os elementos humanos envolvidos na situação ensino-aprendizagem. O reconhecimento do valor das pessoas é importante ao sucesso do trabalho. Intimamente relacionado a este está a fé nas pessoas. As pessoas geralmente são levadas a agir de acordo com o que sabem que delas se espera. Se isso acontece com as demais pessoas, mais ainda com professores. Comumente eles se esforçam por corresponder às expectativas dos diretores e Supervisores. Sentem-se estimulados quando vêem seus atributos pessoais e capacidade profissional apreciados. A simples tendência de crer no indivíduo tem sido um dos grandes elementos de sucesso do Supervisor. Confiança, fé e larga dose de esperança são alicerces seguros para se edificar a obra educacional.

ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS AO SUPERVISOR:

Filosofia de Supervisão

As crenças não só geram mas orientam a ação das pessoas. O conhecimento da crença de um indivíduo é quase sempre base adequada para prevermos sua reação em determinadas oportunidades. Nosso comportamento é ditado, na maioria das vezes, pelos valores que cultivamos ou idéias predominantes em nosso meio. Em área alguma é essa relação entre valores e ação tão importante quanto na da educação. Os conceitos e teorias esposados pelo Supervisor influirão nos resultados obtidos e na formação da personalidade dos alunos. Seus conceitos e teorias sobre o desenvolvimento da criança, educação e liderança marcarão seu trabalho e deixarão traços nos indivíduos a eles afetos.

Relações Humanas

A essência da supervisão moderna repousa na influência que exercem entre si os diversos componentes do grupo de trabalho. Embora a mais direta influência seja aquela exercida pelo nível das relações existentes entre o Supervisor e seus auxiliares, outros tipos de relações afetam a atmosfera de trabalho. Não seria possível falarmos em relações humanas sem nos reportarmos a alguns fundamentos biogenéticos e psicológicos:

Fundamentos Biogenéticos

Desde o momento de sua geração, quando o óvulo é fecundado, o ser humano recebe uma carga hereditária que o distinguirá de todas as outras criaturas, tornando-o ser único e dotando-o de características próprias.

Fundamentos Psicológicos

Sabemos que todo o comportamento humano é consequência de uma motivação. Esta, por sua vez, decorre

de uma necessidade derivada diretamente da natureza do ser humano. As necessidades surgem à medida que se completa a estrutura do ser e devem ser atendidas a fim de que não se desfaça o equilíbrio orgânico e psicológico. Maslow propõe o seguinte ciclo evolutivo para as grandes categorias de necessidades:

- 1.º — As necessidades fisiológicas: São as mais preponderantes. Na maioria dos casos seu não atendimento conduz à morte;
- 2.º — Necessidade de segurança:
 - a. segurança quanto ao ambiente familiar e de trabalho;
 - b. segurança quanto ao amanhã.
A necessidade de segurança corresponde ao desejo de continuidade. Qualquer manifestação de instabilidade de conduta por parte de quem lidera ou orienta estará comprometendo largamente a sensação de segurança por parte do grupo afetado por seu trabalho;
- 3.º — Necessidades afetivas — Quando são atendidas as necessidades de nível mais baixo surgem as necessidades afetivas. Muitos casos de desajustamentos e neuroses têm nelas suas raízes. O indivíduo tem necessidade de ser estimado, considerado, estimulado pelos que o cercam;
- 4.º — Posição social — Não basta já que as necessidades afetivas sejam atendidas. Satisfeitas estas, o indivíduo busca *status*, uma posição definida entre seus companheiros, no meio em que se movimenta. Quer ser apreciado, valorizado, sentir-se útil e capaz;
- 5.º — Realização pessoal — O indivíduo está já, atendidas as demais necessidades, em busca da auto-realização. Se não está realizando algo com o que se identifique, que seja mais próximo daquilo que alguns chamam vocação, sentir-se-á insatisfeito e inquieto. Nova-

mente pode o desequilíbrio manifestar-se em variadas formas de desajustamento. Se ao contrário sente-se identificado com a tarefa que desempenha virá o desejo de aperfeiçoar, de progredir, de projetar-se social, profissional ou politicamente.

Pelos fundamentos biogenéticos e psicológicos vemos que o modo como tratamos as pessoas pode afetá-las e como podemos ser injustos.

Como os indivíduos diferem já no momento da concepção. Injusto, impossível, seria pois, esperar de todas as pessoas o mesmo grau de habilidade, aptidão, inteligência, o mesmo comportamento, reações ou atitudes. Cada indivíduo é um mundo, é ser único cujo comportamento é afetado por características hereditárias, fatores ambientais e pelo tipo de educação recebida. Ao lidarmos com as pessoas não podemos perder tudo isso de vista. Saber alguma coisa sobre elas, seus problemas passados e presentes, suas ambições, já é um modo de conhecê-las um pouco e de termos alguma orientação sobre como tratá-las, sobre o que podemos esperar delas e, principalmente, sobre o que elas esperam de nós. Não devemos nunca comparar pessoas. Seria absurdo dizermos: — O professor X é ótimo porque ele faz isso e isso e o professor Y não é, porque não o faz. Absolutamente, o professor X nada tem com o que o Y faz ou vice-versa. Cada qual deve ser avaliado em termos de suas qualidades, possibilidades e tendências. Deve-se dar a cada um o estímulo devido. Igual absurdo seria o pretendermos compará-los com nossa própria pessoa. O que fazemos, ansiamos, realizamos, como sentimos e reagimos tem ligação íntima com nosso eu, com toda a complexa estrutura de nossa personalidade. Já que não existem duas pessoas iguais, absurdo seria exigir de alguém, apenas por força de hierarquia funcional, que pensasse, sentisse ou reagisse de acordo com o que pretendemos seja certo.

Claro, que determinadas normas e princípios devem ser seguidos, mas antes de tudo deve o Supervisor saber

transgír, aceitar pontos-de-vista em desacórdio com os seus, compreender e respeitar as pessoas tais quais são.

Os fundamentos psicológicos mostram-nos que todo indivíduo tem necessidades básicas que devem ser atendidas sem o que se estabelecerá desequilíbrio orgânico e psicológico. Lidando com diretoras, professores e alunos, pais, membros da comunidade, o Supervisor não deve esquecer-se de que todo o ser humano tem necessidade de sentir-se apreciado, respeitado, seguro com relação ao trabalho, apto à executá-lo, esperançoso de melhorar e progredir e sobretudo sentir elemento útil e produtivo. Abordaremos agora certos aspectos que influenciam as relações humanas no campo específico da supervisão.

Seria impossível abordá-los sem antes chamarmos a atenção para a diferença existente entre os diversos elementos envolvidos pelo trabalho do Supervisor. Diretores, professores, funcionários, alunos, pais, divergem em nível cultural, temperamento, disposição para com a escola e para com o Supervisor. Examinemos por tópicos êsses aspectos:

Supervisão Envolve Pessoas Mais Que Coisas

A medida que o processo educacional evolui, criam-se serviços especializados que se preocupam em propiciar aos professores condições necessárias ao bom desempenho de suas tarefas. Atenções são dadas ao horário, tamanho das salas, dependências diversas, instalações, pátios, lotação das classes, atribuição de tarefas ao pessoal e outros aspetos semelhantes. Tais problemas, eminentemente administrativos, preocupam e com razão o Supervisor. Porém, sua preocupação primordial deve ser com o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem e entrosamento da escola com a comunidade. Seu objetivo principal é o indivíduo. Preocupa-se não apenas em dar-lhes meios de melhorar o que faz, mas também em coordenar os esforços individuais, a fim de que se componha um produtivo e unificado grupo de trabalho.

Um Processo Tão Dependente das Pessoas Busca Suas Forças na Interação Dessas Pessoas

Um dos principais propósitos da supervisão é estimular o esforço individual de alunos e professores. Mas o processo educacional envolve muito mais que êsse esforço individual evocado. Em sua real extensão preocupa-se com a metodologia empregada e o tipo de relações entre alunos e professor; professores entre si; professores e diretor; alunos, professores, diretor e Supervisor. Pode-se deduzir daí, que o comportamento de qualquer um desses elementos pode afetar o esforço de todos os outros envolvidos no programa da escola. Podemos dizer que a influência da técnica e do material de ensino não é maior que a do nível de relações humanas pôsto em prática no campo de trabalho. Esta interação eficiente para os propósitos da supervisão não vem automaticamente pelo simples agrupamento de pessoas. O trabalho em conjunto para ser produtivo, requer uma noção definida dos objetivos do trabalho, a noção de que o indivíduo é parte do grupo ou equipe; fáceis processos de comunicação e consciência através do exame dos resultados advindos, da vantagem do trabalho em grupo sobre o isolado. Devemos dar ênfase à ação cooperativa como ponto básico para eficiência da supervisão cujo processo é reforçado e pode-se dizer, refinado através da oportunidade criada para o trabalho em conjunto, seja êle de planejamento, execução ou exame de resultados.

É necessário, pois, que levemos o indivíduo a falar, pensar, planejar e decidir conjuntamente.

A Supervisão Exige a Utilização Eficiente do Processo de Trabalho em Grupo

O simples reconhecimento da necessidade de interação por parte dos vários elementos envolvidos na obra educativa não garantirá a eficiência do processo de trabalho

em grupo. Esse reconhecimento deve ser acompanhado pela prática de eficientes técnicas de trabalho.

Qualquer tentativa de trabalho em grupo fracassará, se não se fizer acompanhar pela vontade e habilidade de cada um de seus participantes em trabalhar harmoniosa e democraticamente em conjunto.

A primeira preocupação deve ser a de se estabelecer um clima em que cada participante sinta-se livre para externar seus pontos-de-vista.

Isso envolve o direito de cada membro do grupo de ser ouvido, dentro dos limites da propriedade, de levantar questões sobre a contribuição dos outros membros. Naturalmente, essas questões devem ser inteligentemente formuladas e guardados os princípios de respeito mútuo.

Conflitos e recriminações pessoais, de qualquer natureza, devem ser cuidadosamente evitados. Muitas vezes o líder tem que usar de toda sua habilidade e capacidade em relações humanas para manter tais encontros num plano profissional e construtivo. Para o eficiente funcionamento do processo de trabalho em grupo temos que ter em mente:

- 1 — que todo indivíduo deve sentir-se livre para externar opiniões;
- 2 — que as opiniões divergentes devem ser encorajadas, analisadas, porém jamais dramatizadas;
- 3 — que as opiniões divergentes originam-se de pontos-de-vista ou recursos diferentes dos que dispõe a maioria das pessoas do grupo;
- 4 — que embora seja importante a opinião do grupo, é igualmente importante a opinião individual;
- 5 — que à medida que se desenvolve a discussão de idéias ou trabalho, é necessário recapitularem-se periodicamente as idéias já apresentadas ou soluções adotadas em outras reuniões.

A Eficiência das Relações Humanas em Supervisão Depende mais da Coordenação que da Uniformidade

É errôneo pensar-se que as pessoas só trabalharão proveitosamente juntas se houver absoluta coincidência entre seus pontos-de-vista. Naturalmente devem ter propósitos comuns, porém, não é esse o objetivo principal da supervisão.

As relações entre os membros do grupo em geral são melhores em condições que não só permitam, mas encorajem o exercício do individualismo profissional. A coordenação eficiente requer dois fatores que lhe são indispensáveis: primeiro um clima no qual as pessoas possam manifestar idéias opostas às do grupo, sem receio de que isso venha afetar seu *Status* dentro deste. Segundo, deve prevalecer uma linha comum de objetivos em termos dos quais as idéias possam ser analisadas e avaliadas.

A coordenação, como processo de supervisão, seria bem definida como o meio-térmo entre a uniformidade rígida de conduta e idéias ou a anarquia indisciplinada do individualismo absoluto.

As Relações Humanas são Afetadas Pelo Tipo de Direção Exercida Sobre o Pessoal

As boas relações humanas são mantidas mais facilmente em um ambiente em que se sintam todos seguros. Quando diretores ou professores sentem-se diminuídos em sua autoridade; quando o critério de avaliação lhes parece mais uma ameaça que uma ajuda; quando as condições de trabalho são difíceis, quando não sentem seus esforços devidamente valorizados; quando sentem indiferença por seus problemas pessoais, dificilmente as relações humanas entre os vários elementos podem atingir um nível ao menos razoável.

Os membros de um grupo de trabalho ou de uma escola devem estar sempre a par de ocorrências relacionadas com o trabalho, com a escola ou com a comunidade. Devem participar da tomada de decisões que os afetem. Ao divulgar um acontecimento ou expor um problema, o líder deve tentar a utilização do processo de comunicação mais abrangente ao seu alcance, isto é, pelo qual o maior número de membros possível, se não todos, seja colocado, ao mesmo tempo, a par do que se pretende divulgar a fim de evitarem-se distorções ou incompreensões.

Se se quer manter um desejável nível de relações humanas em um ambiente de trabalho, deve-se ainda ter o cuidado de não promover modificação alguma, por mínima que seja, nas condições de trabalho de um diretor, professor e mesmo aluno sem discuti-la antes com o interessado, sem ouvir-lhe sugestões e sentir-lhe a reação.

Essas boas relações também serão melhor mantidas à medida que o indivíduo se torna mais bem aparelhado para o exercício de sua função e se sente profissionalmente mais seguro.

Terão efeito negativo no setor das relações humanas, privilégios, distinções, discriminações que o líder faça no seu trato diário com os diversos indivíduos.

Isso não quer dizer que ele deva tratar a todos absolutamente do mesmo modo. Não. As atribuições, qualificações, necessidade, comportamento dos diversos membros orientarão o tratamento a lhes ser dispensado. O que não pode e não deve haver são concessões ou restrições injustificadas.

É importante ao Supervisor, como *status* líder, saber que deve encarar cada professor como um indivíduo, porém tem que pensar nos interesses, direitos e deveres do quadro geral do pessoal como um todo.

A Personalidade do Supervisor Afeta Diretamente o Nível das Relações Humanas Dentro da Escola

O comportamento do Supervisor afeta grandemente o nível das relações humanas e de produção de um trabalho. O Supervisor sempre disposto à críticas negativas, ao pessimismo, a queixas, dificilmente conseguirá um clima sadio de trabalho no estabelecimento de sua circunscrição. Igual resultado terá o Supervisor que supervalorize seu trabalho, admita como certas apenas suas idéias, descreia da capacidade de iniciativa e sucesso dos demais elementos. O Supervisor deve dar, aos que o cercam, sensação de segurança e apoio. A certeza de que são apreciados e valorizados não apenas como profissionais mas como indivíduos. Diretores e professores em geral dependem largamente do Supervisor e gostam de encontrar firmeza de decisão, orientação pronta e segura, respeito e acatamento para com suas idéias ou deliberações, apoio a sua autoridade. Quem ver no Supervisor uma força que sustente e garanta a sua própria. Seria interessante pensar-se nas sugestões que o Dr. Hicks, mestre em que nos escudamos para elaboração desse trabalho, apresenta, a fim de que o Supervisor garanta por sua personalidade o sucesso de sua tarefa:

- 1 — ser natural. Nada melhor para destruir a boa impressão que se possa causar que um ar artificial ou afetado;
- 2 — ser modesto, porém sem exagero. Expressões exageradas de modéstia revelam hipocrisia e desejo de elogios;
- 3 — ser cordial. O ar-de-superioridade ou condescendência será sempre prejudicial em nossas relações com outras pessoas;
- 4 — ser cortês. A cortesia é sempre apreciada por quantos nos cercam;
- 5 — dar auxílio, porém sem excesso. Conselho não pedido tem sabor de remédio amargo e em nada ajudará as boas relações humanas;

- 6 — procurar abordar assuntos de interesse, sem mostrar-se dogmático, principalmente, em conversas informais;
- 7 — ter cuidado com boatos, comentários e apreciações. Qualquer indiscrição poderia trazer uma quebra da confiança depositada no Supervisor;
- 8 — ser agradável;
- 9 — mostrar sincero interesse pelo professor e pelo que êle está fazendo;
- 10 — mostrar-se confiante na capacidade do professor;
- 11 — citar os aspectos positivos da situação, antes de chamar a atenção para os negativos;
- 12 — ter senso de humor;
- 13 — auxiliar o professor a descobrir variados caminhos para atividade futura;
- 14 — criar em tôrno do professor um clima de esperança.

BIBLIOGRAFIA

- BURTON, William H. e Leo J. Bruckner "Supervision A Social Process";
- HICKS, Hanne J. "Educational Supervision in Principle and Practice"; Notas de aula.

Introdução ao Estudo da Psicologia Educacional — III

CAMPOS DE APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA

MARIA AUXILIADORA DE SOUZA BRASIL

Com êste tema, "Campos de aplicação da Psicologia", encerra-se o primeiro núcleo de estudos do programa de Psicologia Educacional para o Curso de Professôres Primários, que tem o título "Introdução ao Estudo da Psicologia". Com êste trabalho pretendemos dar uma visão geral dos campos da aplicação da Psicologia, detendo-nos na aplicação da psicologia à educação. Dêsse modo, abordaremos a parte introdutória do segundo núcleo de estudos do referido programa, que tem o título "Psicologia Educacional", nos seus sub-títulos "Natureza" e "Objetivos" da psicologia educacional.

A busca de ciência das coisas e dos seres tem sido uma constante na humanidade. O pensamento humano foi tornando-se científico na medida em que, ultrapassando a fase primitiva de descrição e classificação, chegou à das leis, ou indutiva, e à dos princípios e teorias, ou dedutiva. O livre exame dos fatos, a objetividade, a fé no determinismo, a dúvida metódica, o pensamento desinteressado, o amor à verdade, a coragem, sinceridade e probidade intelectuais, têm permitido ao homem compreender o real. O objeto da ciência é o universo; a multiplicidade dos fatos a serem observados e a necessidade de uma observação metódica e de uma experimentação controlada levaram à divisão do objeto da ciência em tantos objetos quantas investigações se fizerem indispensáveis; daí a multiplicidade de ciências que, no en-

tanto, só fazem sentido se não se perde a perspectiva do objeto total.

São duas as motivações básicas da busca de ciência: o desejo de saber pelo prazer de saber e o desejo de saber para encontrar a melhor maneira de viver, de ser feliz. O homem é o criador e o objetivo de todas as ciências. Mais importante do que ter ciência é pô-la em prática em benefício de cada indivíduo em particular e da humanidade. A ciência total do homem inclui todas as ciências porque todos os fatos do universo o afetam direta ou indiretamente. Converter em benefício do homem a ciência que se tem a seu respeito e a respeito do universo é objetivo de uma especialização "sui generis", cuja principal preocupação é não se escravizar a especializações e manter-se sempre aberta à influência do progresso de todas as ciências.

A Psicologia, na sua evolução, chegou à percepção do homem como um ser biopsicossocial, o que a obrigou a alargar a definição de seu objeto formal. A ciência do psiquismo tem dependido do progresso conjunto das várias ciências; sua aplicação tem sido, pois, limitada pelo seu estágio de evolução em cada época. Do mesmo modo, porém, que os fatos preexistem à ciência deles, a aplicação do conhecimento intuitivo é anterior à aplicação do conhecimento racional. Desde sempre o homem vem aplicando seu conhecimento sobre os semelhantes para auferir, de sua convivência com eles, os melhores frutos em seu próprio benefício e em benefício da comunidade.

Históricamente costuma-se registrar, como primeiro esforço de aplicação da psicologia, o trabalho de Frei Luís de Souza sobre a autenticidade das vocações, inspirado em Huarte de San Juan (1575), que proconizava o exame das aptidões para as ciências. Outro marco na história da aplicação da psicologia é o estudo de Bessel (1816) sobre a célebre ocorrência com Maskelyne e Kinnebrook no observatório de Greenwich (1796) (este último fôra despedido pelo primeiro porque registrava a passagem dos corpos celestes com um erro de cerca de um segundo depois do momento em

que passavam pelo ponto de registro do telescópio); esse estudo de Bessel abriu caminho para o exame da equação pessoal.

A aplicação do conhecimento racional do homem, através da psicologia como ciência aplicada, data pouco mais de um século quando, por volta de 1840, Weber publicou seus trabalhos sobre as relações entre os estímulos e as sensações e Fechner se ocupou com a utilização desses conhecimentos em benefício do homem. Com os esforços de Wundt e de J. Mc Keen Cattell em busca da medição dos correlatos fisiológicos do psiquismo, a teoria evolucionista de Darwin, os trabalhos de Galton sobre a medida das aptidões e o estudo da influência da hereditariedade sobre elas, a psicologia aplicada, valendo-se cada vez mais do progresso da estatística, foi firmando seu caráter de objetividade.

O estudo experimental de Binet e Simon sobre a inteligência, dando origem às primeiras escalas de desenvolvimento, surgiu da necessidade de se solucionar problemas postos pela educação ministrada nas escolas. Mas foi com os estudos de Lahy sobre as aptidões para a aprendizagem da mecanografia, com o estudo sistemático dos movimentos no trabalho industrial por Taylor e Gilbreth e com a aplicação da psicologia à esfera do trabalho por Münsterberg, que a psicotécnica, a ciência da aplicação prática da psicologia, se definiu.

Dentre as várias contribuições para a aplicação da psicologia podemos registrar, como muito significativas: a de Thorndike, transferindo para o homem as leis do exercício, da conexão associativa e do efeito, descobertas no estudo da aprendizagem nos animais; a de Pavlov, reconhecendo a intervenção do cérebro na execução de certos comportamentos necessários à conservação da vida, por meio dos atos reflexos condicionados; a de Watson, propugnando pela necessidade de observação e estudo do comportamento; a de Woodworth, passando do estudo global do comportamento à análise dos seus mecanismos e das suas motivações; as de Charcot, Janet, Breuer, Freud, Adler, Jung, admitindo a

existência de transtornos psíquicos sem substrato anatômico e procurando desvendar a dinâmica das personalidades.

A aplicação da psicologia não se tem efetivado apenas no setor pessoal. O conhecimento da dinâmica dos grupos humanos, iniciado com Tarde e Dürkheim e desenvolvido com McDougall, com Kurt Lewin e com as técnicas de sondagem de opiniões de Stetzel e Thurstone, trouxe grande impulso à aplicação da psicologia no terreno social, com vistas à melhor adaptação profissional, ao amparo dos jovens delinquentes, à reabilitação dos deficientes físicos e mentais, à assistência aos desempregados e aos economicamente hipodesenvolvidos, aos emigrantes, enfim, ao tratamento e à prevenção dos males sociais.

As convulsões políticas que envolveram o mundo todo, levando-o às grandes guerras, deram prestígio ao poderio militar. A aplicação da psicologia a esse setor da atividade humana, iniciada com os "Army Tests", foi-se desenvolvendo até oferecer grande eficiência na seleção das tropas e dos oficiais, na adaptação dos equipamentos às necessidades das várias situações bélicas e no treinamento do pessoal para essas situações, nas relações sociais dentro das forças armadas e com os povos conquistados, enfim, na guerra psicológica, fornecendo as bases de uma verdadeira pedagogia militar que inclui até mesmo a reintegração dos militares na vida civil.

O surto industrial que modificou o panorama dos países mais desenvolvidos do mundo, trazendo enorme complexidade à vida das grandes empresas, provocou o desenvolvimento da psicologia aplicada à indústria, já iniciada por homens como Lahy, Taylor, Gilbreith e Münsterberg, promovendo o estudo da adaptação do homem ao trabalho, com a preocupação da adaptação do trabalho ao homem, do bom entendimento entre empregados e empregadores e do bem-estar social do trabalhador. O aumento dos lucros auferidos pelas empresas que se ocuparam com a racionalização do trabalho foi a melhor propaganda para a adoção dos processos da psicologia aplicada à indústria, adoção essa

que logo se estendeu ao comércio, com o estudo do comportamento dos consumidores e dos meios publicitários.

A justiça sofreu também a influência da aplicação da psicologia, com Hans Gross, Claparède, Stern, Lombroso, Ferri e outros mais. Passou-se a considerar a importância do estudo das tendências, das pulsões e dos afetos, das diferenças individuais e peculiaridades próprias de cada idade, da dinâmica das personalidades normais e patológicas, enfim, da psicologia do acusador, do culpado, da situação de interrogatório, dos juizes e dos auxiliares da justiça, para melhor avaliação dos testemunhos, das provas e dos julgamentos, em face do conhecimento das falhas na percepção dos fatos, na memória, nas declarações em geral.

A educação, atuação das gerações mais antigas sobre as mais novas com vistas à perpetuação dos valores, vem-se utilizando da psicologia, valendo-se do estudo científico do educando, do educador e das técnicas de ensino. O estudo científico do educando — iniciado por Darwin, Perez, Compayré e outros, no seu aspecto biológico, e por Galton, Sully, McDougall, Balard, Burt, Meumann, Stern, Stanley Hall e tantos outros no seu aspecto psicológico — das técnicas de ensino e da personalidade do educador vem fornecendo à pedagogia os elementos básicos para procedimentos educacionais cada vez mais eficientes e mais eficazes.

Se, com Montaigne, Vives, Comenius, Locke, Fénelon, já a necessidade de mudança de orientação dos métodos educacionais se evidenciava e se, com Rousseau, Pestalozzi, Basedow, a preocupação com o conhecimento do educando ocupava o primeiro plano, só a aplicação da psicologia à educação, com Spencer, Binet, Claparède, Thorndike, W. James, Piaget, Wallon, Gesell, Hans Aebli e tantos outros, levou à reformulação de seu objetivo, que era fundamentalmente social, exterior a muitos dos interesses do educando. O reconhecimento das diferenças individuais e do direito de auto-realização de cada educando alertou a pedagogia para a necessidade de adaptar o procedimento educativo às

peculiaridades de sexo, idade, equação pessoal, ambiente, expectativa social.

A valorização das técnicas ativas — tais como a de projetos, as sensoriomotrizs, as de centros de interesse, o trabalho livre em grupo, a cooperativa e a imprensa escolares, com Dewey, Kilpatrick, Montessori, Decroly, Cousinet, Profit, Freinet — preconizaram o apelo aos interesses naturais dos educandos. A aplicação da psicologia da forma na aprendizagem da leitura e da aritmética, e na pedagogia em geral, promoveu a atualização do trabalho educativo. A individualização dos processos de ensino tem proporcionado melhor atendimento dos excepcionais e sua consequente integração social. Todo esse progresso vem permitindo melhor direção e controle do trabalho escolar.

O problema do relacionamento entre educandos e educadores, educandos entre si, educadores entre si, no lar, na escola e em sociedade — equacionado na concepção básica das emoções de Kerchensteiner, corroborada pelas observações de Ribble, Spitz, Anna Freud, Burlingham, Mme. Roudinesco, e pelas teorias de Fromm, Reik, Horney — vem sendo estudado sob o ângulo das interações interpessoais e sociais. E os trabalhos de homens como Baldwin e Kurt Lewin vêm desvendando a dinâmica dessas relações, possibilitando seu conhecimento e sua utilização para fins eminentemente educativos.

Os campos de aplicação da psicologia são todos os campos da atividade humana. A psicologia é a ciência do indivíduo, informada pela ciência do natural e do social, que o constituem e condicionam. Ao melhor conhecimento dos indivíduos corresponde uma gradativa melhoria nas comunicações, na medida em que esses conhecimentos são utilizados para tal fim. A utilização desses conhecimentos vem-se dando nos vários setores da vida humana, de acordo com a filosofia de vida de cada povo e a consequente concepção de bem-estar.

O conhecimento de que o organismo humano age como um todo biopsicossociológico, por meio de associações,

condicionamentos, intuições, reflexões, com vistas à satisfação das necessidades que o movem, tornou evidente que a maneira de o homem comunicar-se com seu semelhante é promover os meios que vão criar no semelhante a necessidade de receber a sua comunicação. A comunicação é fundamental para os indivíduos, pois, se é verdade que cada um de nós necessita independê-lo, não é menos verdade que precisa relacionar-se para sentir que independe. O processo biopsicossociológico de crescimento, manutenção e propagação depende, basicamente, da comunicação.

Desde a fecundação, o novo ser recebe influência da cultura em todos os seus aspectos. As teorias psicanalíticas não hesitam em falar na importância das condições psicológicas da gestação, do parto e dos primeiros meses de vida para a saúde mental do indivíduo. Cursos de orientação para gestantes, incluindo a aprendizagem do método pavloviano do parto sem dor, tornam-se cada vez mais frequentes, prevenindo traumas para a parturiente e para o nascituro. Guias de orientação "ensinam" aos pais como tratar os filhos para "evitar complexos" etc. A validade desses "ensinamentos" pode ser discutível, mas são uma tentativa de aplicação do conhecimento adquirido sobre o psiquismo.

Na escola os professores tentam orientar sua ação didática em função da psicologia da educação; ocorre, geralmente, porém, que a ciência caminha muito mais rapidamente que a assimilação que dela fazem seus porta-vozes, donde um atraso permanente de uma década, senão de várias, entre a evolução da psicologia e sua aplicação em qualquer setor, mesmo o educacional. Acresce, ainda, que muitos educadores tomam como verdades acabadas e inofensíveis certas aquisições da ciência do psiquismo que só fazem sentido, realmente, como fases de um contexto histórico sempre em mudança.

A criança vai crescendo, atinge a adolescência e os adultos tentam "entendê-la" em função dos "receituários" mais controvertidos, o que lhes tira totalmente a segurança no trato com o adolescente, obrigando-os a optar pelo "laissez

faire" ou pela rigidez autocrática. O adolescente cresce, tem que escolher uma profissão, é impulsionado a realizar-se no casamento e, imaturo e desprevenido, lança-se a uma vida pseudo-adulta na qual se sente desamparado, sugado por um redemoinho de propagandas e condicionamentos culturais de todas as espécies. Como aconteceu na infância, não faltam adultos ao seu redor para "ensinar-lhe", em nome da pretensa divulgação científica, como "melhor" resolver cada um de seus problemas.

Assim como a aplicação do conhecimento intuitivo é anterior à do racional, a aplicação da ciência "vulgarizada" precede à do verdadeiro conhecimento científico. Buscando preservar o verdadeiro sentido das descobertas científicas sobre o psiquismo, criou-se uma nova profissão, a do Psicólogo, cuja preparação vem sendo feita nas Faculdades de Filosofia, em curso específico para esse fim. A aplicação da psicologia cientificamente controlada é do âmbito restrito do Psicólogo, que trabalha isoladamente ou em equipe, com Médicos das várias especialidades, Sociólogos, Assistentes-Sociais etc. Ao Psicólogo compete pesquisar sobre o psiquismo, diagnosticar, fazer prognósticos, planificar e realizar aconselhamento psicológico e psicoterapia.

Fala-se em orientação vocacional quando o psicólogo procura verificar se há adequação entre os interesses do estudante e sua capacidade para o ramo profissional que escolheu, e lhe proporciona os dados a respeito da preparação profissional adequada (cursos e currículos) e da situação da profissão na comunidade onde a pretende exercer (mercado de trabalho). Fala-se em orientação educacional quando o psicólogo orienta professores e alunos em busca dos melhores procedimentos em educação, e estuda os casos particulares de dificuldades de aprendizagem, procura as causas e programa o modo de serem superadas. Fala-se em orientação vital quando o exame dos casos particulares leva o psicólogo a descobrir distúrbios da personalidade (temperamento e caráter) como causas de dificuldades de aprendizagem e de adaptação em geral, o que o leva a programar processos especiais de psicoterapia.

A orientação vocacional, a educacional e a vital podem realizar-se diretamente, em cada escola, ou podem organizar-se em institutos, que atendem a diversas escolas ou a clientes particulares. A orientação e a seleção profissional cuidam do exame dos candidatos às mais variadas profissões, bem como da adaptação dos profissionais às diversas tarefas de sua função; pode haver serviços desse gênero em cada empresa ou órgão administrativo, ou pode haver institutos de orientação e seleção profissional, que atendam às solicitações das empresas e do serviço público sempre que seus serviços se façam necessários. Os serviços de orientação utilizam-se do processo de tratamento do caso individual ou do processo de tratamento em grupo, ou de ambos os processos, conforme o caso.

O estudo do caso individual, seja qual for seu objetivo (orientação vocacional, educacional, vital ou profissional), baseia-se no fato de que cada indivíduo possui peculiaridades que lhe são próprias, cuja interação vai determinar sua dinâmica em cada momento de sua existência. Conhecer o indivíduo implica em fazer o levantamento de sua história e de seu "status" atual nos seus aspectos de saúde física, rendimento (atenção, aquisição ou memória, inteligência), interesse, personalidade, aceitação social, com vistas a uma síntese que leve ao diagnóstico etiológico provável que orientará o aconselhamento psicológico e a psicoterapia.

O levantamento da história do indivíduo, ou anamnese, é o registro de todas as ocorrências — desde seu período de gestação — que possam ser significativas a respeito de seu tipo de desenvolvimento, bastante esclarecedor de uma série de ocorrências observadas no registro do "status" atual; os dados da anamnese podem ser obtidos através de entrevistas com o indivíduo e seus familiares e das mais variadas fontes de registro como, por exemplo, autobiografia, histórico familiar, histórico escolar, histórico profissional etc. O levantamento do "status" atual compreende o exame da saúde física e o exame psicológico; na base do exame de cada indivíduo estão o de seus automatismos e o de suas

motivações, uma vez que o indivíduo só rende e só afirma sua personalidade quando sua vontade atua sobre os automatismos.

O conhecimento do potencial organo-funcional do indivíduo, da dinâmica de sua personalidade e da dinâmica do campo de forças do meio ambiente no qual ele atua, permite ao psicólogo a inferência de sua equação pessoal e de suas possibilidades de reformulação dessa equação no sentido em que sua vivência esteja a exigir. Do ponto-de-vista do aconselhamento vocacional, o psicólogo saberá se as potencialidades do indivíduo lhe permitem aspirar, com possibilidade de sucesso, a preparar-se para o ramo profissional que escolheu, que profissões são mais adequadas e até que nível dessas profissões poderá atingir. Do ponto-de-vista do aconselhamento educacional, o psicólogo saberá qual a dinâmica do indivíduo no ato de aprender, qual o nível de seus automatismos e de seus rendimentos (atenção, aquisição ou memória, inteligência) e como programar sua aprendizagem. Do ponto-de-vista do aconselhamento vital, o psicólogo saberá qual a dinâmica do indivíduo em face dos seus relacionamentos pessoais nas várias áreas de sua vida e como poderá modular sua conduta com vistas a comunicações cada vez mais satisfatórias.

Em qualquer de suas modalidades, o aconselhamento psicológico oferece, por assim dizer, uma assistência *horizontal*, ou seja, não interfere em *profundidade* na dinâmica do psiquismo do indivíduo; procura aplicar a psicologia no sentido de melhor ajustamento do indivíduo normal ao ambiente (familiar, escolar, profissional, social), de acordo com suas potencialidades, com vistas a melhor aproveitamento delas em seu próprio benefício e em benefício da comunidade. O aconselhamento psicológico pressupõe que o indivíduo tenha um desenvolvimento organo-funcional normal e que seus problemas de ajustamento decorram da complexidade, sempre crescente, da cultura; nesse caso, as técnicas de aconselhamento psicológico deverão bastar e o indivíduo, adequadamente assistido, deverá vencer as dificuldades de cada fase.

Quando o estudo do caso leva a diagnósticos etiológicos de maior complexidade, tornam-se necessárias providências terapêuticas especiais. Inaptações e desaptações graves, levando o indivíduo à categoria de excepcional, escapam ao terreno do aconselhamento psicológico e passam ao terreno da psicoterapia especializada. O excepcional "para mais" é aquele que tem um desenvolvimento acima da maioria das pessoas de sua idade e se desadapta porque o ambiente tolhe a sua evolução. O excepcional "para menos" é aquele que, por razões somáticas, ou psíquicas, ou sociais, ou ambas, não alcançou equilíbrio no seu meio físico ou social (inadaptado) ou esse equilíbrio está destruído ou comprometido (desadaptado).

As inaptações e desaptações podem decorrer de causas fisiológicas ou psicológicas, ou da combinação das duas. Uma causa fisiológica pode ser alimentada ou combatida pelo psiquismo, como também uma causa psicológica pode ser agravada por um organismo frágil; e, ainda, o psiquismo pode, por condicionamento, continuar agindo no modo aprendido anteriormente, mesmo que a causa fisiológica que justificava tal tipo de ação tenha sido suprimida. O fato de não ter sido determinada uma causa fisiológica para um distúrbio psicológico não significa que essa causa não exista, mas, sim, que não é conhecida. A comprovação de causas ou conseqüências fisiológicas dos distúrbios psicológicos leva à necessidade de assistência médica especializada, além da psicológica.

A psicoterapia oferece uma assistência em profundidade; procura assistir o indivíduo na tomada de consciência dos motivos que regem sua conduta, das causas de seus conflitos, e na busca da resolução de seus desajustamentos pessoais, decorrentes de experiências traumatizantes que tenha vivido. É nas relações interpessoais que cada indivíduo vai testando sua conduta, observando os efeitos dela, comparando-os com os efeitos das condutas de outros indivíduos, efetivando os padrões que se manifestem satisfatórios; muito embora o mundo exterior lhe sirva de instru-

mento, é no processamento de suas elaborações internas que o indivíduo encontra a si mesmo.

A Psicologia Educacional é o ramo da psicologia que trata da educação. A educação, "ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social", procura desenvolver as potencialidades do indivíduo a fim de auxiliá-lo na auto-realização e na integração produtiva na vida do grupo; ao mesmo tempo, porém, polícia êsse desenvolvimento para que êle não ponha em perigo a coesão do grupo. A necessidade de segurança faz com que cada geração formule leis, transmita a tradição, crie a "memória coletiva" que garanta a perpetuação do grupo como tal. Educar é conduzir no sentido da adoção dos valores que dão segurança ao grupo.

Se educar é transmitir valores, evidencia-se que educação é comunicação. Só conseguimos comunicar algo a alguém se êsse alguém se interessa por êsse algo, isto é, se êle representa um valor. O sentido da educação está em "fazer valer" o valor que se quer transmitir. A educação será tanto mais eficaz quanto melhor conhecimento se tenha dos indivíduos implicados em sua dinâmica: o que educa e o que é objeto da ação educativa. A Psicologia Educacional é, por sua natureza, ciência pura quando pesquisa e infere princípios e leis a respeito do processamento da educação, e ciência aplicada quando dirige êsse processamento. A psicologia não determina os valores a serem transmitidos, tarefa que pertence à filosofia; ocupa-se da maneira adequada de se transmitirem êsses valores; é êsse seu objetivo.

A fim de garantir a perpetuação de seu sistema de valores cada pessoa, cada grupo, procura todos os meios de persuasão possíveis. Dificilmente ocorre a seus seguidores que os sistemas são, apenas, meias verdades, restringidas pelas limitações das pessoas ou dos grupos que os construíram. Cada pessoa, cada grupo, procura defender sua "meia verdade", resguardando-a do livre-exame, com receio de perder a "certeza" que lhe fornece segurança. Angariar

prosélitos tem sido uma constante nos vários sistemas: quanto maior o número de seguidores, "maior certeza".

A psicologia fornece à educação as informações a respeito da dinâmica da comunicação. A cultura compreende tôdas as aquisições da humanidade no decorrer de sua história; é dinâmica, não para nunca. A civilização é a expressão estática da cultura; expressa-se por meio de instituições, uma das quais é a escola, à qual é dada a tarefa específica de educar. Isso vale dizer que a escola, instrumento de educação e formação das gerações novas, servindo à civilização, está sempre desatualizada em sua estrutura, em seus processos, em suas comunicações, pois o ritmo de evolução da cultura, geralmente, está em desproporção com a capacidade das instituições de a assimilarem.

A lentidão da civilização em assimilar a cultura incide na economia da comunidade e na economia de cada educando em particular. Quanto mais rapidamente a ação educativa se beneficie do progresso das ciências do homem, mais eficiente, eficaz e efetiva será. Sabe-se que todo indivíduo deseja ser aceito como é na realidade; aceitar o educando é uma necessidade para o educador que deseja orientá-lo sem o desgaste de situações traumatizantes inúteis. Tôda aquisição por parte do educando é mais duradoura e útil quando se dá em função de um processo que respeite sua capacidade e quando ocorre de maneira integrada e natural, utilizando as emoções positivas e a reflexão.

Como já foi dito, os campos de aplicação da Psicologia são todos os campos da atividade humana. A gestação, o nascimento, a infância, a adolescência, a idade adulta, o climatério e a velhice são as fases naturais da evolução de todo ser humano, que se dá dentro de uma comunidade, ela própria em constante evolução. A Psicologia Evolutiva e a Psicologia Social, auxiliadas pelos outros ramos da Psicologia e pelas demais ciências, procuram fornecer os elementos para diagnóstico, prognóstico e aplicação do conhecimento em benefício do indivíduo e da comunidade,

Qualquer atuação de um indivíduo, ou de um grupo, sobre indivíduos ou grupos, implica em comunicação que, em sua dinâmica, é diretamente afetada pelas diferenças individuais. Em toda comunicação há uma aprendizagem; a existência toda, em suas diferentes fases, é um constante aprender. Não está fora de propósito a afirmação de que, em um sentido largo, toda psicologia aplicada é psicologia aplicada à educação. Ao tratarmos outros temas do programa de Psicologia Educacional para o Curso de Formação de Professores Primários, teremos oportunidade de voltar muitas vezes ao assunto "Campos de Aplicação da Psicologia".

Por ordem alfabética, lembremos aqui algumas fontes nas quais fomos buscar os dados para este trabalho: Ackermann, A. — "Psicologia Aplicada"; Anastasi, Anne — "Differential Psychology"; Binois, René — "La Psicologia Aplicada"; Blair, G.M. e outros — "Educational Psychology"; Brasil, M.A.S. — "Da Necessidade e da Possibilidade da Aplicação da Psicologia à Educação"; Brasil, M.A.S. — "Da Problemática da Adolescência"; Brasil, M.A.S. — "Princípios Básicos Para Uma Filosofia da Educação Interpretativa da Filosofia de Vida de Nossa Comunidade"; Castiello S.J., Jaime — "Uma Psicologia Humana da Educação"; Cerdá, Enrique — "Psicologia Aplicada"; Claparède, Edouard — "A Escola e a Psychologia Experimental"; Cronbach, Lee J. — "Educational Psychology"; Eysenck, H.J. — "Usos e Abusos da Psicologia"; Mira y Lopes, Emilio — "Problemas Atuais da Psicologia"; Morali-Daninos, A. — "La Psychologie Appliquée"; Piéron, Henri — "Tratado de Psicologia Aplicada", vols. I a VII; Rudolfer, Noemi S. — "Introdução à Psicologia Educacional"; Santos, Oswaldo de B. — "Orientação e Seleção Profissional"; Zavalloni, Roberto — "La Psicologia Clínica en la Educación".

Georges Gurvitch

ELISABETH VORCARO HORTA

Nos últimos dias de 1965 o jornal "Le Monde" apresentou de Jean Duvignaud, colaborador de Georges Gurvitch, um artigo sobre seu mestre no qual lembra os traços principais de sua vida, agora encerrada, aos 71 anos, num hospital de Paris.

A Sociologia em sua curta história tem tido quase constantemente figuras marcantes e intensamente controvertidas. É por certo um traço de crescimento e destas, ela se beneficia em aprofundamento e extensão. O próprio Comte foi discutidíssimo e deixando seu mestre Saint-Simon não abandonou a semente amarga que dele auferira. Gabriel Tarde e Durkheim tiveram polêmica célebre e de certo modo quaisquer idéias em Sociologia só se implantam depois do cadinho-fervente das críticas e invectivas.

Gurvitch é entre todos o mais controvertido. Admirado e exaltado por muitos, é negado peremptoriamente por outros. Contudo nenhum sociólogo da atualidade tem o seu prestígio mundial.

Dêle diz Duvignaud que trabalhar com êle era ao mesmo tempo exaltante e angustiante: a presença crítica de uma inteligência sempre em estado de alerta não poupava ninguém. Voltava-se contra seu próprio pensamento o qual submetia a uma análise impiedosa.

Magro, intenso e miúdo, os olhos penetrantes, sua paixão e sua veemência impressionavam vivamente.

Georges Davidovich Gurvitch, russo naturalizado francês em 1928, havia nascido em Novorossisk na Rússia em 1894, onde seu pai era diretor do Banco Russo-Asiático.

Em 1921 emigrou para Praga onde lecionou na Universidade até 1924. Dali foi para a França onde passou a viver. Deu cursos livres na Sorbonne com grande assistência e mais tarde foi professor de Sociologia na Faculdade de Letras de Strasbourg. É incrível pensar que na França, a pátria da Sociologia e onde ela se tem construído e desenvolvido teoricamente como em nenhum outro país existiam até pouco tempo apenas quatro cátedras de Sociologia. Duas na Sorbonne, uma em Bordeaux, a antiga cátedra de Emile Durkein e a outra em Strasbourg. O que supre realmente é, no dizer de Cuvillier no seu "Où va la sociologie française?", a Sociologia francesa não estar inteiramente nas Faculdades, mas nos centros de estudos sociológicos e nos investigadores numerosos desse conhecimento.

Gurvitch serviu na guerra em 1939-40 nos postos avançados da linha Maginot. Estêve nos Estados Unidos onde lecionou em Harvard e Colúmbia. De volta a Paris depois da libertação foi nomeado professor na Sorbonne em 1948. Tomou posição durante a Guerra da Argélia e por isso sofreu um atentado por parte dos terroristas da OES que quase lhe custou a vida.

Um dos seus grandes méritos é ser fundador e diretor até o fim, dos célebres "Cahiers internationaux de Sociologie". Sua obra é numerosa e discutida. Apontam a Gurvitch a ignorância das "pesquisas de campo". Esta crítica, diz Duvignaud, já havia sido feita pelos americanos também a Durkein e Mauss. Outros autores assim como Claude Lévy Strauss se referem ao mesmo problema. Este, no seu "Antropologie Structurale", nota a carência absoluta de citação de fatos na obra de Gurvitch. O justo, certamente, está na frase de François Simiand "Pas de faits sans idées, pas d'idées sans faits."

No seu "La Vocation actuelle de la Sociologie", Gurvitch aponta os seis falsos problemas da sociologia do século XIX que são refutados veementemente por Cuvillier.

Claude Lévy Strauss manteve polêmica acirrada com Gurvitch até mesmo acusando-o de apresentar com diferente interpretação as suas palavras e discutindo suas noções de estrutura social principalmente.

Contudo o pensamento de Gurvitch, apoiado no plano de desenvolvimento análogo ao da fenomenologia de Husserl é de grande importância. Pode-se combatê-lo, não desconhecê-lo. Ativa processos e estimula análises, penetra profundamente em toda a teoria sociológica do qual é um mestre, um puro teórico. Suas raízes filosóficas o predisponham a isso. Partiu da filosofia para a sociologia e nela se desenvolveu da outra, ficando-lhe a agudeza de penetração aliada ao despojamento em vista da exatidão — seus primeiros trabalhos referem-se à filosofia "Tendances actuelles de la philosophie française" (1928-1930) redação de seus cursos na Sorbonne e onde a fenomenologia é apresentada aos franceses que pouco a conheciam. Da filosofia, Gurvitch vai à sociologia por intermédio da filosofia social e jurídica e sobre essas bases "il a pretendu édifier une sociologie entièrement nouvelle et, comme Descartes en philosophie *selon* la formule fameuse de Hegel "tout reprendre par le commencement". (Cuvillier, pág. 103).

Muitos não reconhecem a veracidade de suas teorias e alguns anos se passaram até que sejam reexaminadas sem paixão para delas se tirar o melhor.

O Devotamento à Verdade

ELISABETH VORCARO HORTA

O pensamento de Gandhi (Mohandás Karamchand Gandhi) apresenta-se para nós ocidentais, cuja cultura tem raízes diversas, inicialmente de um hermetismo insólito — depois a simplicidade e a naturalidade que o revestem vão se revelando a nossa compreensão. Vivendo num mundo inteiramente diferente pelos seus padrões culturais, seu misticismo e seus problemas sociais gravíssimos, maiores que os nossos brasileiros — e ainda tendo o fantasma do domínio inglês que êle, Gandhi, ajudou a vencer, o pensamento dêsse hindu, culto e introvertido, simples até o despojamento e devotado até à santidade, se marca em nossa memória.

Gandhi foi denominado pelos seus compatriotas de "Pai da Nação" tão entranhado estava do pensamento da Índia e da concepção contida no chamado Bhagavad-gitá, que contém alta concepção do Ato exigindo categoricamente a ação. Ao apêlo do Kuru (Faz) contido no Gitá, Gandhi jamais se furtou tornando-o sua obsessão. Por êle viajou cansativamente, mesmo no fim da vida quando sua saúde não o permitia, em suas exaustivas audiências, em sua roca e também em seu trabalho de jornalista e escritor.

Sua autobiografia comenta Pierre Meile não é "um retrospecto redigido calmamente nos ócios de um retiro; ao contrário é um momento de sua carreira política marcando o término dos anos de aprendizagem e a entrada numa batalha decisiva que deveria resultar na independência da

Índia". Tôda a sua vida foi orientada para a libertação política, moral, econômica e cultural de seu país.

Mesmo as suas experiências psicológicas mais pessoais foram racionalmente analisadas em busca de uma solução que servisse não só a êle mas aos outros.

Sente as afrontas e os fracassos com grande sensibilidade mas reage aos choques depois de grandes rodeios e às vezes até de longos anos... Curiosamente êle está entre aquelas personalidades capazes de viver e adaptar-se até o ponto de revidar, desmanchar ou simplesmente suplantarem pela grandeza de uma superioridade indiscutível — as ofensas recebidas. Quantos procedem desta maneira?

Assim uma série de experiências que vai tendo pela vida: Ao usar vestimentas ocidentais quando vai morar em Londres e comete variadas "gafes" — talvez daí o "nacionalismo" da túnica hindu. Suas temporadas na prisão (14 vezes — 6 na África e 8 na Índia), e foram tantas, marcaram decisivamente seus hábitos de vida. E êsses se tornaram tão frugais que as novas prisões não o arrancavam de vida mais confortável.

Em certa época, não podendo comer na prisão o arroz bem apimentado ao qual estava habituado, suprime qualquer tempêro, chegando a retirar até o sal temporariamente.

O racismo dos brancos na África, onde vive durante muitos anos, fêz confundi-lo certa vez com os negros e como tal é tratado. Sua reação é uma análise do temperamento dos hindus que, segundo êle, facilitava pela sua "matreirice" aquela identificação. Conseqüentemente pregou a modificação.

Praticou prolongados jejuns (17 vezes jejuou, inclusive no último mês de sua vida) forma ascética ou forma autopunitiva, ou forma coercitiva de alcançar determinados objetivos.

É uma constante, em todos os seus atos, a crença em um Deus supremo e único que não seria monopólio de ne-

nhuma religião — mas que para êle se harmonizava com o hinduísmo vichnúíta. Assim as suas campanhas políticas de “Satyagraha” que exigem preparação profunda e ausência de mentira ou injustiça sem o que o “satyagraha” não tem valor. A resistência nessa campanha exige generosidade, coragem e a escolha pela violência sòmente quando não houver outro caminho.

Gandhi condena a máquina se ela é um meio de exploração e não respeita a dignidade humana. Considera-a ainda condenável se não atender às necessidades reais e se criar necessidades supérfluas. Exige condições humanas no trabalho — ainda num sistema cooperativo, com pequenas células de produção dispersas no campo e ao ar livre — o que supõe a descentralização industrial e o desestímulo à intensa industrialização.

Gandhi foi uma vítima, como lutador, pelos direitos do homem, cuja vitória parcial está contida na “Declaração Universal dos Direitos do Homem” promulgada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembléia-Geral das Nações Unidas e na qual a Índia, por nomeação da ONU foi a relatora do projeto.

Gandhi considera e diz textualmente que “não há outro Deus senão a Verdade”. Para alcançá-lo (o “Espírito da Verdade”), diz êle, é preciso estar em condições de amar o próximo como a si mesmo até a mais mesquinha das criaturas. “Reduzir-se a nada e colocar-se por vontade própria na última fila dos seus irmãos humanos” eis algumas palavras dêsse homem que por amor aos seus ingressou na política (um meio de devotar-se aos outros, uma forma de servir para êle), tornou-se jornalista e descreveu sua vida e seus encontros com a verdade (a palavra tem uma acepção riquíssima nêle), contando com humildade suas experiências mais íntimas até aquelas que qualquer ocidental ocultaria e delas se acusando.

Deixou seus hábitos ocidentais de hindu de classe superior para se tornar igual aos mais humildes e a êles en-

sinou o uso da roca para tecer — como trabalho útil que todos precisavam conhecer como meio de libertação econômica.

Paradoxalmente, êsse homem que em nosso tempo foi aquêle que mais exaltou a humanidade comum morreu assassinado traiçoeiramente em 30 de janeiro de 1948.

Antes de falecer deu sua última lição de humanidade, talvez santidade: perdoou quem o ferira de morte.

Discernimento

EURICO SILVA

PEDAGOGIA — é a ciência e a arte de educar. A ciência da educação é tão antiga como a própria humanidade, porém o nome PEDAGOGIA é relativamente novo, posterior à DIDÁTICA. Essa palavra começou a ser usada no século XVII.

Existia, embora, o termo *pedagogo* que significava amo ou preceptor (conduzir, guiar a criança).

Na Grécia antiga, *pedagogo* era o escravo que conduzia a criança à escola. Imitaram-no os romanos, depois da conquista daquele país. As famílias abastadas mantinham o pedagogo cuidando de seus filhos no *paedagogium* (local dos meninos).

Geralmente, um escravo instruído exercia esse ofício e muitos deles fizeram-se grandes mestres.

Mas, a *arte* de educar era meramente empírica, pois ainda não existia a *ciência* da educação. Tratou-se, então, de ir aperfeiçoando os velhos, arcaicos sistemas, donde nasceu a ciência da educação e, conseqüentemente, novos vocabúlos, novas expressões e até novas modalidades doutrinárias.

Da *Pedagogia* se fez uma ciência normativa — explicar as normas da educação humana e buscar melhorias.

Seu estudo completo compreende duas partes — uma teórica e outra prática.

A pedagogia teórica trata dos princípios científicos a que está sujeito o desenvolvimento das aptidões físicas, intelectuais e morais do homem.

A pedagogia prática ocupa-se especialmente do ensino e se divide em *didática* e *metodologia*.

DIDÁTICA é a arte de ensinar. Ninguém tratou melhor esse capítulo do que o pedagogo checo Juan Amos Komensky, cujo nome latino e mais conhecido é *Comenio*.

Há a didática geral e a especial; a primeira trata da teoria do conhecimento e a segunda da técnica do ensino.

Tem ela o seu decálogo:

1º) A atividade é própria da criança, acostumá-la a fazer; educar-lhe as mãos;

2º) cultivar as faculdades em sua ordem natural: primeiro, preparar a mente; segundo, provê-la;

3º) começar pelos sentidos e deixar que a criança descubra por si própria;

4º) separar cada assunto, conforme os seus elementos; uma dificuldade de cada vez para a criança resolver;

5º) agir metódicamente, passo a passo, para se alcançar o que se pretende — a medida não está no que o professor pode dar, mas naquilo que o menino pode aprender;

6º) tenha cada lição um objetivo imediato e outro mediato;

7º) desenvolver, dar largas à idéia, fortalecê-la com a palavra adequada, cultivar, enfim, a linguagem;

8º) tudo sempre no sentido do conhecido para o desconhecido; do simples para o composto; do concreto para o abstrato; do particular para o geral;

9º) primeiro a síntese, depois a análise: não seguir a ordem do assunto mas a da natureza da coisa;

10) a intenção é a base da instrução; ensinar as coisas por si mesmas.

METODOLOGIA é a parte da pedagogia que cuida dos métodos de ensino, do caminho a seguir.

Nem sempre existiu a metodologia pedagógica. A maior parte dos assuntos, que constituem atualmente este ramo do ensino, incorporava-se à lógica e à didática.

Diz-se que no século XIX deram os pedagogos os primeiros passos no sentido de tornar a metodologia um ramo autônomo da pedagogia. Feliz iniciativa.

A metodologia pedagógica e a lógica aplicada a cada ciência ou disciplina, são ambas a mesma coisa com denominações diferentes.

Compreende duas partes essenciais — a metodologia geral, que trata dos métodos comuns a todas as matérias do ensino, e a especial que se ocupa dos métodos particulares de cada disciplina. Em suma — é ela a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade, processo racional para conhecê-la ou demonstrá-la.

— O melhor e mais amplo tratado da arte de ensinar, todo originário de profundos conhecimentos e investigações, intitula-se “Didactica magna, omnes omnia docendi artificium” da autoria de Comenio, que tem fornecido material substancioso para inúmeros... autores didáticos. Essa “Didática magna para ensinar tudo a todos” está traduzida em diversos idiomas, desde 1625, menos em português...

A Língua Portuguesa

EURICO SILVA

“Torce-se o cipó enquanto verde”. Aí o velho rifão que se presta a muitas aplicações.

É mais fácil e muito mais aproveitável educar, dirigir a criança, do que a pessoa já amadurecida na idade.

A experiência e a prática no-lo têm demonstrado à evidência.

Por exemplo — os menores dominam nesta época, dirigindo veículos motorizados, escrevendo a máquina, trabalhando em Bancos. De tudo entendem hoje as pessoas de menor idade e as crianças praticam tantas coisas que só aos de existência sazoadada o faziam, até há poucos decênios.

O problema se resolve, então, ensinando o quanto possível e o mais útil à nossa infância escolar, com dedicação, clarividência e constância.

Neste meado de século, pode-se fazer “cinquenta em cinco” — com a rápida evolução biológica e notável expansão depreensiva, ao império do meio ambiente e das facilidades que nos são postas ao alcance.

Que as normalistas e professoras se preparem para essa tarefa posta nesses termos.

É óbvio que haja uma programação; executem-na nos seus postulados.

Mas, há nisso um ponto capital, que se sobrepõe às demais disciplinas, a todos os aprendizados — é aquilo a

que chamamos língua portuguesa, o vernáculo, a linguagem em que se manifesta o povo de uma Nação.

O Ministério da Educação sempre o expôs desta maneira: "O programa da cadeira de Português tem por fim ministrar ao estudante os meios necessários e indispensáveis para se expressar corretamente, inculcando-lhe o gosto para a leitura dos bons autores e proporcionado-lhe o cabedal preciso para a formação de seu espírito e para a sua educação literária."

O hábito da leitura de páginas corretas, de livros selecionados, o ensino de sua interpretação, para que a criança aprenda a ler, a atenção aos casos ortográficos, a dicção correta em esforços continuados.

Isso num trabalho constante e persuasivo.

Sempre se cuidando das leis da linguagem, defendendo-lhe o código que vem de um trabalho penoso e secular, de um esforço inaudito que o aprimoramento sempre exige.

É que, sem os postulados essenciais, imperativos e indisfarçáveis, da Gramática, ninguém jamais falará ou escreverá corretamente, com decência na linguagem e até elegância, convencimento e beleza.

Citei certa vez Teófilo Gauthier: "Esculpe, lima, cinzela" a sua linguagem escrita.

Repete-o Olavo Bilac: "Força, aprimora, alteia, lima a frase".

Isso é carinho, é amor ao vernáculo. Dom Aquino Corrêa, num discurso: "E como eu sentiria na alma a necessidade de lançar aqui um apêlo em prol do culto sempre mais carinhoso da Língua-Pátria!"

Na Academia Brasileira de Letras alteou a voz Laudelino Freire: "Sinto amor do idioma e por isso não me é dado deixar de ter para com os seus mestres, os seus paladinos, os seus gramáticos — acatamento e veneração".

A tarefa necessária, vital, nobilitante, de ensinar a Língua Pátria será mais fácil e eficiente dando-se à criança êsse sentido e essa direção.

E todos os mestres, de quaisquer disciplinas e nos vários tipos de trabalho, têm o dever de não permitir que se descure, que se abastarde o vernáculo; têm a obrigação de corrigir, assim como, no lar, os pais cuja colaboração com a Escola não se dispensa, mas é devida.

Três citações de épocas remotas, de autoridades, altas autoridades já há muito desaparecidas. Mas agora mesmo, em Belo Horizonte, numa tertúlia de eminentes educadores, CADES, se firmou categoricamente: que a língua portuguesa, no ensino, é centro de interesse e é um fato a sua preponderância sobre as demais disciplinas do currículo.

A LÍNGUA PORTUGUESA

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
és, a um tempo, esplendor e sepultura;
ouro nativo que, na ganga impura,
a bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te, assim, desconhecida e obscura,
tuba de alto clangor, lira singela,
que tens o trom e o silvo da procela,
e o arrôlo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
de virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: "Meu filho!"
e em que Camões chorou, no exílio amargo
o gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Relatório das Atividades Levadas a Efeito Durante a "Semana da Comunidade", em Fama, pelo Grupo Escolar "Olinto Magalhães" e das Comemorações ao "Dia da Cidade", de Acôrdo com a Lei n.º 3.384, de 15-6-65

O Grupo Escolar "Olinto Magalhães", de Fama, sendo o único Estabelecimento de Ensino existente atualmente nesta cidade comemorou no dia 19 de março do corrente ano mais um aniversário da cidade, digo, da instalação do município — dia 19 de março de 1949 — município emancipado politicamente dia 27-12-48.

Dada a situação da cidade devido a sua inundação pelas águas da Represa de Furnas, as comemorações feitas pelo educandário acima citado foram simples, modestas, acompanhando o ritmo da vida atual de Fama.

O programa elaborado pela diretoria e professorado do estabelecimento para estas comemorações foi o seguinte:

Dia 19 — Sábado — "Dia da Cidade."

Passeata pelas ruas da cidade com o Pavilhão Nacional fazendo na Praça da Matriz encerramento das Solenidades do Dia com Saudações, Poesias e Canto pelas professoras e alunos do estabelecimento. Homenagem aos emancipadores da cidade.

Dia 21 — segunda-feira — Início da Semana da Comunidade.

Palestra pela Professora Branca Sacksida.

Assunto: A Saúde Orgânica e Física do Homem — Meios de Conservá-la ou de Recuperá-la.

Atividade: organização dos medicamentos do Pelotão de Saúde do Estabelecimento instalado dia 9 deste.

Dia 22 — Terça-feira.

Palestra pela Professora Maria Afonsina Cambraia.

Assunto: A Família — Higiene no Lar — Sua Influência na Saúde de seus Habitantes — Impressão que nos Causa uma Casa bem Cuidada, Limpa.

Atividade: limpeza e ornamentação das salas de aula sob a orientação das professoras.

Dia 23 — Quarta-feira.

Palestra pela Professora Grêda Pinto.

Assunto: meios de Comunicação e Transporte — Benefícios que Estes Trazem à Comunidade de uma e outra Cidade.

Atividade: confecção de cartazes relacionados com os meios de transportes e estradas.

Dia 24 — Quinta-feira.

Palestra pela Professora Marleine Silvério.

Assunto: Construção de Represas — Necessidade destas para o Progresso e bom andamento de um País.

Atividade: excursão com as classes à beira da Represa de Furnas.

Dia 25 — Sexta-Feira.

Palestra pela Professora Maria Ronilde Palha da Silva Viana.

Assunto: A Comunidade — A Marcha para a Prosperidade — Benefícios que Recebem Aquêles que Levam a Vida em Comum com seus Amigos e Vizinhos — A Necessidade

sidade da Vida em Comum do Povo de uma Comunidade Para Conseguir Prosperidade Nesta.

Atividade: visita dos alunos à Vila de Furnas e à Conferência "São Vicente" para amparo às famílias pobres que ali residem.

A Diretoria do Estabelecimento seguiu as palestras das sras. professoras cooperando com estas, fazendo diariamente após as mesmas, explanação destas e perguntas sobre o tema tratado.

Composição, Diário e Verbos

SALVADOR PIRES PONTES

Quer sejam de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª séries, devem ser diárias as composições ou redações.

As correções devem ser coletivas, a fim de serem beneficiados todos os alunos.

Comentários e apreciações sobre algumas composições, advertindo os alunos de tais e tais erros ou impropriedades (os mais graves), fazendo corrigir falhas, etc.

Devem-se ressaltar expressões corretas, bonitas, o que produz estímulo nos alunos.

A principal preocupação deve ser no sentido de ampliar o vocabulário e desenvolver a linguagem falada ou escrita e o poder de expressão do aluno.

Para isso é necessário treino em que o aluno aprenda, em situação natural, a organizar o pensamento com clareza, originalidade, beleza, sentimento, espontaneidade e lógica, e adquira o mecanismo da linguagem.

Com justa razão, é a linguagem considerada como um dos mais importantes problemas, senão o mais importante, porque falar bem a língua nacional é o mais evidente sinal de educação e civismo.

Rigorosamente, os temas não deveriam ser escolhidos pelos professores. O trabalho deveria referir-se sempre a experiências vividas pelos alunos. Por isso, o diário constitui excelente exercício de linguagem escrita.

Diário é o registro que cada aluno faz no seu caderno ou caderneta, diàriamente, em ordem cronológica, lacônicamente, mas de modo preciso, com beleza e sentimento, de fatos de sua vida acontecidos no lar, na rua, na escola, em que haja aventura, novidade, realidade, etc. A professora saberá selecionar o que é conveniente ou não.

O diário poderia ser adotado em tôdas as classes. No princípio, sentenças curtas e perfeitas, fugindo do erro. Escrever pouco para não errar muito; uma ou duas sentenças no começo.

Tornam-se necessários os seguintes requisitos: experiência realmente vivida, brevidade, espontaneidade, não-obrigatoriedade; nenhuma interferência de professor, exceto a respeito da ortografia.

A partir da 2.ª série, os alunos poderiam, com muita vantagem, fazer o diário das plantas e animais da escola ou de casa, trabalho da horta etc., os quais poderiam ser relatados nas reuniões dos clubes-de-leitura da 3.ª série.

Merece detida atenção o programa de linguagem que deve ser relacionado com as demais matérias. Falar com boa dicção e com acôrto, escrever cartas, bilhetes, convites, avisos, cartazes, telegramas, histórias pequenas ouvidas e, bem assim, fábulas, apólogos, interpretação de gravuras, poesia escrita em prosa etc., são meios de fazer bom ensino da língua nacional.

Usar, no princípio, a composição oral (recomendada pelo Prof. Antenor Nascentes em o "Minas Gerais" de 11 de junho de 1949).

Nas escolas isoladas, o aluno de 1.ª série pode ditar o seu diário para outro aluno de 2.ª ou 3.ª série e escrever no quadro-negro.

Nos grupos escolares, o professor pode encarregar-se disso.

VERBOS

Segundo pesquisas realizadas e nossas observações, figuram com maior freqüência, em trabalhos de crianças, os verbos: ter, haver, ser, estar, dar, ver, crer, ler, chover, perder, dizer, nascer, poder, querer, saber, fazer, trazer, valer, acontecer, amanhecer, anoitecer, sentir, seguir, fugir, ouvir, sair, construir, divertir, caber, servir, dormir, torcer, vestir, passear, etc., pôr e alguns compostos desses verbos.

Pelo verbo Ter como paradigma, conjugam-se os seguintes que são seus compostos: ater-se, abster-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, sustter.

A conjugação dos verbos auxiliares — ter, haver, ser, estar, e dos regulares ou modelos, como por exemplo: amar, dever, partir, pôr, e alguns outros irregulares, deveria ser praticada e aprendida de memória.

Para isso, o uso do quadro-negro é muito útil.

Com referência aos compostos do verbo Ter, as pessoas inculatas tendem a dizer: deti, deteu, reti, retetu etc..

Mal de Sete Dias

DELZUITE DE SOUSA CORDEIRO

PERSONAGENS:

DONA WILMA — Enfermeira

Sr. João — Operário

DONA EFIGÊNIA — Espôsa do Operário

DONA LOLÓ — "Curiosa".

CENÁRIO ÚNICO:

Uma sala da Unidade de Saúde. Uma mesa e sobre esta, uma tesoura para unhas, uma escôva, vidro com álcool, bacia e jarro com água.

Flanelógrafo. Figura para flanelógrafo: a criança e o cordão umbelical.

D. WILMA

Muito bem! Estou gostando de ver. Vocês são pontuais. Chegaram na *hora certa* que marcamos para nossa conversa.

SR. JOÃO

(Entrando afobado) — Desculpe D. Wilma, mas seu Elair precisou falar comigo e não sabia que eu vinha aqui... Por isso me atrasei um pouco.

D. WILMA

Ainda chegou na hora... Estamos começando a reunião. Pode sentar, seu João.

SR. JOÃO

Mas... minha roupa está suja de graxa e terra. Estou vindo do trabalho e não tive tempo de mudar...

D. WILMA

E... está sujo mesmo... mas como o senhor veio do trabalho, pode sentar-se, que depois peço para lavar a cadeira.

D. EFIGÊNIA

João, "bota" um papel e senta em cima...

(dá um pedaço de papel para seu João)

(todos estão sentados à volta da mesa da enfermeira).

D. WILMA

Bem!... A nossa conversa de hoje, é sobre o tétano umbilical, que vocês chamam de "mal de Sete Dias".

D. LOLÓ

E, D. Wilma. Isso mata muita criança nesse mundão de Nosso Senhor!!! Cruz Credo, nem quero falar alto...

D. WILMA

Isso mesmo!... mata porque vocês ainda não aprenderam o modo certo de tratar o umbigo das crianças.

D. LOLÓ

Mas D. Wilma, eu sei tratar. Tem 20 anos que sou "parteira"!!! e que cuido de crianças. Muitas morrem, mas depois de sete dias...

D. WILMA

É o que vou explicar.

Quando a criança nasce, precisamos ter muito cuidado com a limpeza. A pessoa que faz o parto deve ter as unhas bem aparadas e as mãos bem escovadas e desinfetadas.

Eu vou mostrar como se escova as mãos e a senhora, D. Loló, vai fazer conforme eu ensino.

(A enfermeira dá uma tesoura para D. Loló e ensina a aparar as unhas. Em seguida dá a escóva e ensina a escovar as mãos. Depois, derrama álcool e ensina que D. Loló fique com as mãos unidas, sem tocar em nada).

Agora as suas mãos estão limpas e em condições de aparar o bebê.

D. LOLÓ

Pra que tudo isso?

D. WILMA

D. Loló, tudo o que vai tocar no bebê que está para nascer, deve ser muito limpo e certas coisas até precisam ser fervidas.

D. EFIGENIA

É isso mesmo... Eu lavei e passei a ferro tôda a roupinha do Paulinho, antes dêle nascer. E a "parteira" lavou muito bem as mãos e até ferveu a tesoura para cortar o umbigo.

SR. JOÃO

É, D. Wilma. Quando o Paulinho nasceu, a Efigênia não me deixou por a mão na criança. Eu fiquei até com raiva.

D. EFIGENIA

Pudera! Ele, quando vem do trabalho, está sempre sujo de terra, como vocês estão vendo. Só depois que ele toma banho, lava bem as mãos e troca de roupa, é que eu deixo pegar a criança.

D. WILMA

Muito bem! O Senhor deve ficar orgulhoso do cuidado que sua espôsa tem com os filhos. Tudo o que nos ensinamos, ela faz direitinho, não é D. Efigênia?

D. EFIGENIA

Faço mesmo! A senhora ensinou que tudo que *estiver sujo*, se encostar no bebê, dá essa doença, porque traz o "bichinho do tétano".

D. LOLÓ

Cruz Credo, Virge Maria!!! Como é mesmo?

D. WILMA

É, D. Loló (a enfermeira usá o flanelógrafo e coloca neste, a figura de uma criança ligada ao cordão umbilical).

O cordão umbilical da criança, ao nascer, é amarrado e cortado.

(mostra o lugar onde corta)

Onde êle é cortado, fica uma ferida. Mas é uma ferida limpa e nela deve-se colocar solução de iodo, imediatamente, e embrulhar o pedacinho do cordão umbilical com gaze esterilizada, molhada em álcool. Assim, êle está protegido.

D. LOLÓ

(Chorando)

E com isso as crianças não morrem do "Mal de Sete Dias"?

D. WILMA

Sim, D. Loló. Se a senhora fizer isso, a criança não morre do "Mal de Sete Dias", que é uma doença chamada "Tétano" e que vem da sujeira, e que entra no corpo da criança por essa ferida.

D. LOLÓ

(Continua chorando)

Então é por isso que morrem tantas crianças com o "Mal de Sete Dias"?

D. WILMA

É sim, D. Loló.

D. LOLÓ

E eu que colocava azeite, tabaco, teia de aranha e picumã no umbigo das crianças!

D. WILMA

Então a senhora aprendeu... e de hoje em diante não vai mais pôr essas coisa no umbigo das crianças... Não é, D. Loló?

D. LOLÓ

(Baixando a cabeça)

Não, nunca mais.

D. WILMA

Muito bem! De agora em diante, a senhora vai ser minha aluna e quando precisar de iôdo, álcool e gaze esterilizada, vem apanhar aqui na Unidade de Saúde para completar sua maletinha. A senhora vai aprender muitas outras coisas boas.

SR. JOÃO

(Levanta assustado)

D. Wilma, dá licença de ir tomar banho e tirar essa roupa cheia de terra? Agora eu entendi porque a Efigênia só deixa eu pegar a criança depois de limpo...

D. EFIGÊNIA e D. LOLÓ

(Ao mesmo tempo)

Vá depressa, seu João!!!

D. WILMA

Pode ir, seu João e de hoje em diante os três serão meus alunos.

TODOS

Até logo, D. Wilma e obrigado por tôdas essas coisas que a senhora nos ensinou.

Brincar é Bom

MARIA OLINDA PÁDUA RODRIGUES

PERSONAGENS:

PAULO — O Aluno

D. LÚCIA — A Professôra

Outros Alunos

CENÁRIO ÚNICO

Sala de aula. A professôra está sentada à mesa, escrevendo. Os alunos estão nos seus lugares, cuidando de seus afazeres.

PAULO

(Levanta-se e chama a professôra)

D. Lúcia... D. Lúcia...

O que quer dizer: "Mente sã em corpo sã"?

D. LÚCIA (olha para Paulo)

"Mente sã em corpo sã" significa que a pessoa está sadia de corpo e espírito.

PAULO

Mas... D. Lúcia, a mente adoce?

D. LÚCIA

Sim Paulo. A mente adoce. E para que isso não aconteça, é preciso dar a ela repouso do trabalho que todos nós, pela nossa vida, temos que executar.

PAULO

Como a nossa mente repousa?

D. LÚCIA

A nossa mente repousa com ajuda da recreação. Quando vocês meninos estão brincando no recreio, nos intervalos das aulas, vocês estão fazendo com que suas mentes repousem, e se recuperem do esforço feito na solução dos trabalhos de classe.

PAULO

É por isso que todos os dias temos recreio na escola?

D. LÚCIA

É isto Paulo. A mente precisa trabalhar e também de descansar para que a pessoa goze saúde completa.

PAULO

D. Lúcia mas como o Joãozinho vive brincando e está doente?

D. LÚCIA (com ênfase)

A doença do Joãozinho não é do espírito, é do corpo. Mas a doença do corpo acaba também atingindo a mente, tornando a pessoa triste e infeliz. Para que tenhamos saúde de corpo e espírito, torna-se necessário obedecer regras de higiene, dormir o suficiente, alimentar-se bem, viver ao ar livre, trabalhar e brincar.

PAULO

Ah!... É por isso que a senhora manda a gente tomar merenda e brincar no recreio, no intervalo das aulas?

D. LÚCIA

Sim, Paulo. Mas durante as aulas vocês também brincam...

PAULO

Mas como assim, D. Lúcia? Nós não jogamos bola, não corremos dentro da sala!

D. LÚCIA

Não é só o futebol, as corridas e outros divertimentos que chamamos de brinquedo. Os jogos que vocês fazem em classe, os cantos que vocês aprendem e até os trabalhos que vocês fazem, também são meios de recreação.

PAULO

Quer dizer que nós brincamos na classe?

D. LÚCIA

Sim. Vocês brincam aprendendo. Existem métodos que, aplicados, fazem com que vocês aprendam, sem se cansar ou cansando-se pouco. Entretanto, os exercícios físicos são necessários para a completa recuperação da mente. Por isso, vocês meninos, devem pular, correr e brincar com os demais, para descansá-la e aprenderem a viver na coletividade.

PAULO

Mas as meninas não correm, nem saltam, não jogam futebol. Como elas dão repouso à mente?

D. LÚCIA

As meninas não jogam futebol, não saltam, mas elas praticam outros brinquedos. Pulam corda, brincam de roda e cantam. Porém elas preferem brincar de bonecas, de teatrinho e de outros brinquedos próprios.

PAULO

Quando terminar a aula eu vou brincar!...

D. LÚCIA

Todo menino deve brincar. Mas não é só brincar. Tem também que fazer as tarefas da escola que vocês levam para casa e ajudar a mamãe em suas atribuições domésticas.

PAULO

(com ênfase)

Ah!... Isso eu ajudo...

D. LÚCIA

Muito bem. Todo menino deve ter hora para brincar, trabalhar, comer e descansar. Se todos fizerem assim, crescerão sadios de corpo e espírito e poderão cooperar para a grandeza do Brasil.

(bate palmas)

Agora, meninos, guardem o material escolar e vamos para o recreio. Levantem-se.

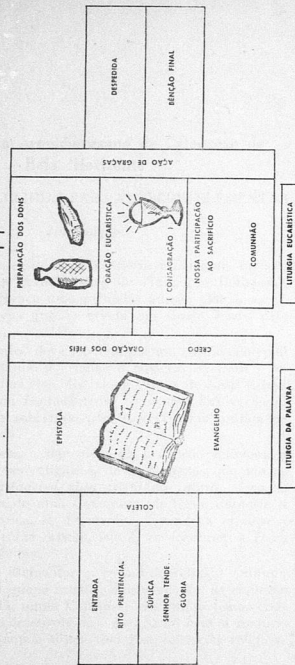
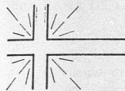
(os alunos levantam-se)

Vamos sair cantando.

(saem cantando um hino cívico)

Atenção... Começar...

A SANTA MISSA



**Departamento Arquidiocesano de Catequese de
Belo Horizonte**

PROGRAMA DE RELIGIÃO PARA A 2.ª SÉRIE ELEMENTAR

Introdução

O ensino de religião na 1.ª Série Elementar, fase de 7 a 8 anos, tem a característica de "Iniciação Religiosa", isto é, de dar à criança uma primeira adesão global, *na fé*, ao Mistério de Deus que se revela em Cristo Jesus, pela Igreja.

Essa "Iniciação" deve ser feita por um ensino doutrinal metódico, apresentando à criança o Mistério de Deus e levando-a a contemplar êsse Mistério, a Pessoa de Jesus Cristo, não apenas por um conhecimento elementar das verdades fundamentais, mas sobretudo por uma vivência prática da doutrina apreendida.

Visa, portanto, a dar além da instrução religiosa, a formação de atitudes religiosas, de sentimentos que são as bases de uma *verdadeira vida cristã* no futuro. Isso se consegue por meio de uma Catequese vital que *desperta a fé*, faz que ela cresça, se desenvolva, levando a criança a aprender a viver como cristão, isto é, respondendo a Deus que se revela e chama.

Na 2.ª Série Elementar, o ensino de religião continua a nutrir a *fé* do pequeno cristão, mostrando-lhe as riquezas da mensagem cristã, numa Catequese em que os temas doutrinários são mais desenvolvidos, de acordo com a maturidade da criança, supondo ter tido boa iniciação religiosa na 1.ª série.

OBJETIVOS DO ENSINO: Levar a criança a maior vivência cristã através do conhecimento:

- 1 — de Deus Criador, Todo-Poderoso e Nosso Pai;
- 2 — de Jesus, Filho de Deus, que nos Ama e nos Salvou;
- 3 — da Igreja, Pela qual Jesus nos Salva.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

FEVEREIRO

- Preparação: Conhecimento dos alunos, sua vida cristã e familiar — hábitos cristãos, atitudes e sentimentos religiosos.
- Ficha de cada aluno, referente à sua vida cristã.
- Conversas informais, diálogos, informações relativas à vida dos alunos em família, a fim de melhor conhecer o ambiente em que vivem.

MARÇO e ABRIL

I TEMA — DEUS — A REDENÇÃO

- 1.ª Semana — Deus é Nosso Criador.
- 2.ª Semana — Deus é Nosso Pai. Ele Mandou seu Filho ao Mundo Para nos Salvar.
- 3.ª Semana — O Poder de Jesus: Alguns Milagres — Bodas de Caná, Tempestade Aclamada, Ressurreição do Filho da Viúva de Naim.
- 4.ª Semana — Jesus deu a Vida por nós (Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus).
- 5.ª Semana — A Ressurreição de Jesus — Acontecimento Histórico e Significação. A Nossa Páscoa. O Círio Pascal.
- 6.ª Semana — Jesus nos dá sua Vida pelo Batismo.
- 7.ª Semana — Nossa Senhora foi Escolhida Para ser a Mãe de Jesus — Anunciação — Oração: Ave-Maria.

- 8.ª Semana — Mês de Maio e a Devoção a Nossa Senhora — Uma Celebração ou Coroação.
- 9.ª Semana — Excursão ou Visita a Uma Igreja (da Paróquia, de Preferência).
Objetivos: Vida Comunitária — Oração em Comum, Contato com o Pároco.

MAIO e JUNHO

- 10.ª Semana — A Missa: Renovação do Sacrifício de Jesus — O Calvário, a Ceia.
- 11.ª Semana — A Missa — Liturgia da Palavra — Contato com o Evangelho.
- 12.ª Semana — A Missa — Liturgia Eucarística — a Comunhão na Missa.

II TEMA — PENTECOSTES

- 13.ª Semana — Jesus Sobe ao Céu — Ascensão.
- 14.ª Semana — Jesus nos Envia o Espírito Santo — Pentecostes.
- 15.ª Semana — A Família de Deus: a Igreja — O Papa.
- 16.ª Semana — Verificação do Semestre em Prova ou Teste. Apuração dos Resultados. Relatório do Trabalho realizado.

2.º SEMESTRE

III TEMA — VIVER COM JESUS

AGOSTO e SETEMBRO

- 1.ª Semana — Jesus nos Ensina a Rezar — Pai-Nosso.
- 2.ª Semana — O Dia Nacional do Catecismo (comemoração com alunos e professoras).
- 3.ª Semana — Jesus nos Ensina a Amar — Bom Samaritano.
- 4.ª Semana — Jesus nos Ensina a Obedecer ao Pai do Céu.
- 5.ª Semana — Jesus nos Ensina a Perdoar — Zaquê.

- 6.ª Semana — Jesus Perdoa a quem Arrepende — O Filho Pródigo.
- 7.ª Semana — Jesus me Perdoa — A Confissão.
- 8.ª Semana — Como Confessar-me. O Arrependimento.

IV TEMA — JESUS ALIMENTA OS QUE TÊM FOME

OUTUBRO e NOVEMBRO

- 9.ª Semana — Multiplicação dos Pães.
- 10.ª Semana — A Eucaristia — A Ceia com os Apóstolos. Eucaristia Alimento dos Filhos de Deus.
- 11.ª Semana — O Domingo é o Dia do Senhor — A Família se Reúne com Jesus Para Louvar o Pai do Céu.
- 12.ª Semana — A Paróquia: o Pároco e a Vida Comunitária.

V TEMA — O NATAL

- 13.ª Semana — Deus Envia seu Filho Para nos Salvar: Encarnação e Nascimento de Jesus.
- 14.ª Semana — Como os Cristãos se Preparam Para o Natal — O Advento.
Como vou preparar o Natal? Atividades e Vida Cristã: na Escola e no Lar.
- 15.ª Semana — Celebração do Natal (catequista e crianças). Adoração e oração de louvor.
Canto: Noite Feliz ou Outro.
- 16.ª Semana — Verificação do Trabalho do Semestre, Depois de uma Revisão.

Departamento Arquidiocesano de Catequese de Belo Horizonte

1966 — PROGRAMA DE RELIGIÃO PARA A 3.ª SÉRIE ELEMENTAR

Introdução

O espírito deste programa é litúrgico. Visa, em suas linhas gerais, ao desenvolvimento do "Ano Litúrgico", celebrando suas grandes festas.

Sabemos que a Igreja, "Mãe e Mestra", ao representar aos cristãos o Ano Litúrgico, quer levá-los ao conhecimento e à vivência dos acontecimentos do "Mistério de Deus" em Jesus Cristo. Em cada tempo litúrgico, a Igreja focaliza êsses conhecimentos e nos ensina a orar e a viver de maneira particular, a fim de nos levar a maior participação de suas graças.

Inicialmente, focaliza êsse programa a maior festa religiosa do Ano Litúrgico — a Páscoa, seguindo-se temas a ela relacionados. Aborda, depois, "Pentecostes" que leva a um conhecimento maior da Igreja e da vida cristã que nela se recebe e da qual se vive.

Finalmente, com o Advento apresenta a preparação para o Natal e a manifestação de Cristo a todos os homens — A Epifania.

Objetivos

Visa o programa:

- 1 — introduzir as crianças no espírito da liturgia;
- 2 — aprofundar e cultivar a fé, conduzindo à expressão e à participação mais consciente das principais festas litúrgicas;

- 3 — conduzir à proclamação da “Palavra de Deus”, através de leituras de textos bíblicos, levando os alunos a conhecer o que “Deus disse” e o “que faz” e como os homens de fé lhe responderam;
- 4 — formar atitudes de respeito e amor à Palavra de Deus, compreensão e amor ao próximo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

FEVEREIRO

Conhecimento dos alunos: sua vida cristã no ambiente do lar, hábitos cristãos da família e vivência cristã na paróquia.

MARÇO e ABRIL

I TEMA: O MISTÉRIO PASCAL

- 1.ª Semana — O Ano Litúrgico: as Grandes Festas Litúrgicas: Páscoa, Pentecostes e Natal. Explicar por Meio do Gráfico.
- 2.ª Semana — A Quaresma: Preparação Para a Páscoa. Significação.
- 3.ª Semana — Os Grandes Dias da Semana Santa: Quintas e Sextas-Feiras Santas.
- 4.ª Semana — A Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus: Alguns Quadros da Via-Sacra. (Visita à Igreja, Participando da Via-Sacra da Paróquia).
- 5.ª Semana — A Festa de Páscoa. A Ressurreição de Jesus: Como Jesus nós Ressuscitaremos.
- 6.ª Semana — Preparação Para a Páscoa. A Confissão — Filho Pródigo: a Volta à Casa do Pai. A Nossa Páscoa.
- 7.ª Semana — O Sacrifício da Missa: A Ceia, o Calvário, a Missa.

- 8.ª Semana — A Missa — Liturgia da Palavra: A Epístola e o Evangelho.
- 9.ª Semana — A Missa: Liturgia Eucarística: A Comunhão, Participação do Banquete Eucarístico.

II TEMA — PENTECOSTES

MAIO E JUNHO

- 10.ª Semana — O Mês de Maria — Sentido da Devoção à Nossa Senhora Como Mãe de Deus e Nossa Mãe. Nossa Senhora no Cenáculo.
- 11.ª Semana — Jesus Sob o Céu e Promete o Espírito Santo: Ascensão de Jesus.
- 12.ª Semana — Pentecostes — Ação do Espírito Santo na Igreja, nos Apóstolos e em nós.
- 13.ª Semana — A Igreja, a Grande “Família Cristã”.
- 14.ª Semana — O Domingo é o Dia do Senhor — Os Cristãos se Reúnem Para Louvar ao Pai com Cristo Jesus.
- 15.ª Semana — Festa de São Pedro — O Papa e sua Missão — Dever dos Católicos.
- 16.ª Semana — Verificação do Trabalho do Semestre — Apuração dos Resultados.

III TEMA — JESUS NOS FAZ FILHOS DE DEUS

II SEMESTRE

- 1.ª Semana — O Batismo: a Fé, a Esperança e a Caridade.
- 2.ª Semana — O Dia Nacional do Catecismo. Comemoração com as crianças e professoras.
- 3.ª Semana — A Confirmação — O Sacramento e seus Efeitos.
- 4.ª Semana — A Fé e a Obediência de Abraão.
- 5.ª Semana — Jesus Perdoa os Pecados. A Cura do Paralítico.

- 6.ª Semana — O Pecado é Dizer não a Deus.
 7.ª Semana — A Confissão. O Arrependimento de Madalena e de São Pedro.
 8.ª Semana — A Confissão. Absolvição e a Reconciliação com Deus.

OUTUBRO e NOVEMBRO

- 9.ª Semana — Deus dá seus Mandamentos.
 10.ª Semana — Deus dá ao Homem Tóda a Criação.
 11.ª Semana — A Desobediência — O Pecado Original — O Salvador.
 12.ª Semana — Festa de Todos os Santos.
 13.ª Semana — Festa de Finados — O que me Espera Depois da Morte.
 14.ª Semana — O Nascimento de Cristo — Jesus é Deus e Homem.
 15.ª Semana — Celebração Sôbre o Natal — Preparação Para a Festa do Natal.
 16.ª Semana — Verificação do Trabalho do Semestre. Aparentação dos Resultados.

BIBLIOGRAFIA

Material: Planos da Bahia.

Com Jesus a caminho do Céu.

Jesus comigo — 11.º Catecismo Bíblico e Litúrgico.
 Planos do Departamento de Catequese de Belo Horizonte.

Departamento Arquidiocesano de Catequese de Belo Horizonte

PROGRAMA DE RELIGIAO PARA A 4.ª SÉRIE
 ELEMENTAR — Al.: de 10 a 11 anos

Introdução

Este programa é destinado aos alunos de 10 a 11 anos dos cursos elementares que já receberam, na série anterior, uma iniciação bíblica.

Vem complementar o programa litúrgico da 3.ª Série, levando os alunos a maior vivência dos principais mistérios de fé.

Objetivos

- 1 — Ampliar conhecimentos doutrinários sôbre os Mistérios da Redenção, Pentecostes e Encarnação.
- 2 — Promover participação mais consciente do Mistério da Redenção, através do Culto, especialmente da Eucaristia, unindo-se à Comunidade Cristã — A "Família de Deus", a Igreja.
- 3 — Cultivar maior amor à Igreja e buscar nela os meios para sua vida cristã: os sacramentos e observância de suas leis.

Partindo da Bíblia, na 4.ª Série, estudaremos "O Mistério da Redenção", no qual Cristo se oferece ao Pai para a salvação dos homens.

Em seguida, entraremos no estudo da missão de Cristo, continuada pela Igreja, administração dos sacramentos, observância de suas leis e participação no culto.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

FEVEREIRO

Conhecimentos dos alunos sobre os pontos-de-vista doutrinário e vivencial. Deus, Criador e Pai, Jesus Cristo, nosso Salvador, Vida cristã na família e na Paróquia.

MARÇO e ABRIL

1.ª UNIDADE — A REDENÇÃO

- 1.ª Semana — Deus nos Fala Pela Bíblia.
- 2.ª Semana — Deus Fala a Abraão: Fé e Confiança em Deus.
- 3.ª Semana — Deus Escolhe Moisés Para Livrar seu Povo do Cativo do Egito. Páscoa dos Judeus.
- 4.ª Semana — Jesus nos Salva Pela Cruz da Escravidão do Pecado: Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.
- 5.ª Semana — A Ressurreição de Jesus: Cristo Venceu a Morte e o Pecado. Os Discípulos de Emaús.
- 6.ª Semana — Preparação Para a Páscoa: Confissão e Comunhão Pascais; Mandamento da Igreja. A Confissão, Reconciliação com Deus, nova Vida com Cristo Pela Participação da Eucaristia.
- 7.ª Semana — Celebração da Páscoa: A Missa, a Eucaristia, a Ceia com os apóstolos.
- 8.ª Semana — A Missa Litúrgica da Palavra: Livro de Missa, Gráfico Explicativo.
- 9.ª Semana — A Missa: Litúrgia Eucarística: Renovação do Sacrifício do Calvário.

MAIO e JUNHO

2.ª UNIDADE — PENTECOSTES

- 10.ª Semana — O Mês de Maio e a Devoção à Nossa Senhora Como Mãe de Jesus e Nossa Mãe. O Terço do Rosário de Nossa Senhora.
- 11.ª Semana — Jesus Sob o Céu: Ascensão — Missão de Cristo aos Apóstolos: Ide e Ensinai..."
- 12.ª Semana — Jesus Envia o Espírito Santo (Atos dos Apóstolos). O Cenáculo.
- 13.ª Semana — A Igreja Como Comunidade Cristã: A Família de Deus: os Cristãos se Reúnem Para Louvar ao Pai por Cristo Nosso Senhor.
- 14.ª Semana — A Igreja e a Hierarquia: os Leigos e seu Apostolado.
- 15.ª Semana — A Paróquia, Comunidade de Fé, de Caridade. Nossas Relações com o Pároco. O bom Cristão e a sua Paróquia. Deveres do Paroquiano.
- 16.ª Semana — Verificação do Ensino. Prova e Apuração por Classe.

II SEMESTRE

AGOSTO e SETEMBRO

UNIDADE — "A VIDA CRISTÃ"

- 1.ª Semana — O Batismo — Nossa Filiação Divina, Entrada na Igreja. Dar Formação Sobre Responsabilidade do Batizado.
- 2.ª Semana — O Dia Nacional do Catecismo. Por que Estudamos Religião?
- 3.ª Semana — A Confissão — O Arrependimento de São Pedro ou de Madalena. Contrição e Absolvição.

- 4.ª Semana — A Confirmação — O Sacramento e seus Efeitos e Deveres.
- 5.ª Semana — A Confirmação — Liturgia do Sacramento. Os Padrinhos — sua Escolha.
- 6.ª Semana — Jesus é o Nosso Modelo — Amar Como Jesus.
- 7.ª Semana — A Caridade nos faz Respeitar a Deus (1.º, 2.º e 3.º Mandamentos de Deus).
- 8.ª Semana — A Caridade na Família (4.º e 5.º Mandamentos).

OUTUBRO e NOVENBRO

- 9.ª Semana — A Caridade nos faz humildes e Mansos (7.º e 10.º Mandamentos).
- 10.ª Semana — Amar a Pureza (7.º e 9.º Mandamentos). Bem-Aventurados os de Coração Puros Porque Verão a Deus.
- 11.ª Semana — Os Sacramentos Sociais: a Ordem e o Matrimônio.
- 12.ª Semana — O Mistério da Encarnação — IV Unidade.
- 13.ª Semana — O Advento e sua Significação — João Batista: "Eu sou a voz que clama no deserto, preparai os caminhos."
- 14.ª Semana — O Natal — Cristo e a Luz do Mundo — Vida com Cristo.
- 15.ª Semana — Como Viver com Cristo? Nossa Vida em Família, no Trabalho ou na Escola, como Devemos Agir Cristãmente. Resoluções de Cada um.
- 16.ª Semana — Verificação.

Entrega de certificados: dar um cunho mais espiritual. É bom fazê-la com missa vespertina e com participação no mistério eucarístico.

Alcina Lana

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

- ABAETÊ — Colégio «N. Sra. de Fátima»
- ÁGUA LIMPA — E.R. de Mercês
- ASTOLFO DUTRA — G.E. «José Vieira da Silva
- BARÃO DE GUAICUI — Maria Pereira Lopes
- BICAS — G.E. «Cel. Retto Júnior»
- BOCAIÓVA — G.E. «Dr. Odilon Loures»
- CAMPANHA — G.E. «Dom Inocêncio»
- CAMPOS ALTOS — Iolanda Maria Domingos Oliveira — G.E. «Joaquim D. da Silva»
- CAPITAL — Dionê Spitali M. Jorge — Julieta Nazaré — Maria Antonieta Silveira
- CARATINGA — E.R. «Maurílio Senra»
- CATAGUASES — G.E. «Flávia Dutra»
- COROMANDEL — G.E. «Egídio Machado»
- CRISTAIS — G.E. «Antero Maia»
- DIVINÓPOLIS — E.R. «Francisco Gontijo de Azevêdo»
- FAMA — Zélia Afonsina Cambráia
- FARIA LEMOS — Shirley Siqueira
- FREI ORLANDO — Desirée Gomes da Silva
- IBIÁ — G.E. «D. José Gaspar»
- INTENDENTE CÂMARA — Sebastião D. Gomes
- IPATINGA — Enói Coelho de Resende
- ITAJUBÁ — E. Horticultra «Pres. Wenceslau Braz»
- ITAOBIM — G.E. «Irmãos Fernandes»
- TUIUTABA — Valcy C. Emygdio
- JANUARIA — Dr. Vale Filho

JOÃO PESSOA (Pb) — Conselho Estadual do Desenvolvimento

MAR DE ESPANHA — Prof.ª Angela Maria de Souza

MARILIA (S.P.) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

NITERÓI (R.J.) — Herédia Pereira de Faria

OURO FINO — Marina Carneiro Luz

PAIVA — G.E. «Santa Rosa»

PATROCÍNIO — G.E. «Joaquim Dias»

PEDRINÓPOLIS — E.R. «Prof. Leão Coelho de Almeida»

PEDRO LEOPOLDO — Helga Grube

PERIQUITO — Maria Auxiliadora de Oliveira

POÇOS DE CALDAS — G.E. «Francisco Escobar»

POUSO ALEGRE — G.E. «Prof. Joaquim Queirós»

RIO CASCA — G.E. «Senador Cupertino»

RIO POMBA — Escola Normal «Regina Coeli»

SACRAMENTO — G.E. «Afonso Pena Júnio»

SANTANA DA VARGEM — Rita Dias de Carvalho

SANTOS DUMONT — Clorita Herthel Vidigal — G.E. «Prof. Joana Cunha»

SÃO JOSÉ DA VARGINHA — Isabel Duarte de Queiroz

SÃO LOURENÇO — Alvarim Garcia Machado

TEÓFILO OTONI — Ivani dos Reis Pontes

TRÊS CORAÇÕES — Colégio Estadual

UBÁ — Pe. Lincoln Ramos — Neide Moreira Michelli

UBERABA — G.E. «Edite França»

UBERLÂNDIA — G.E. «Bom Jesus»

VARGINHA — Delegacia Regional de Ensino

VIÇOSA — G.E. «Ministro Edmundo Lins — Universidade Rural de Minas Gerais»

VIRGINÓPOLIS — E.C. de Sardoá

Origem: Doação

Preço: _____

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Sergipe, 440 — Belo Horizonte

TIRAGEM DA REVISTA (pela qual nos responsabilizamos):
5.000 exemplares

ASSINATURA: 4 n.ºs ao ano: Cr\$ 3.000

NÚMERO AVULSO: Cr\$ 900

(Toda correspondência deve ser dirigida a ELISABETH VORCARO HORTA no endereço acima).

No próximo número apresentaremos entre outros:

A EDUCAÇÃO NA REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA — *Elisabeth Vorcaro Horta*

POR QUE A ORIENTAÇÃO EDUCATIVA NAS ESCOLAS NORMAIS?
— *Hilda Soares Fonseca*

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DA EDUCAÇÃO NACIONAL CHILENA — *Mariza Dutra de Moraes*

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL —
Maria A. Souza Brasil

HOMENAGEM DO CORAÇÃO — *Antônio Ribeiro de Avelar*



ÍNDICE

Introdução — Elisabeth Vorcaro Horta

NOTICIA

O Secretário Gerson de Brito M. Bozon

CENTRALIDADES

Disciplina e Educação Escolar e Popular — Prof. Marques de Oliveira Filho

O Ideal Pan-Americano — Vivaldi Moreira

ESTUDOS

Atributos Pessoais e Missão do Supervisor — Argentina Verçosa

Instrução ao Estudo da Psicologia Educacional — III Campos de Aplicação da Psicologia — Maria Auxiliadora de Souza Brasil

HOMENS E IDEIAS

Georges Gurvitch — Elisabeth Vorcaro Horta

O Devotamento à Verdade — Elisabeth Vorcaro Horta

Descernimento — Eurico Silva

A Língua Portuguesa — Eurico Silva

NOTICIÁRIO

Relatório das Atividades Levadas a efeito durante a Semana da Comunidade em Fama

ESTUDO E CIÊNCIA

Composição, Diário e Verbos — Salvador Pires Prates

Mal de Sete Dias — Delzuite de Souza Cordeiro

Brincar é Bom — Maria Olinda Pádua Rodrigues

SECÇÃO CATEQUÉTICA

Departamento Arquidiocesano de Catequese de Belo Horizonte — Programa de Religião para a 2ª. Série Elementar

Programa de Religião para a 3ª. Série Elementar

Programa de Religião para a 4ª. Série Elementar

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA